



# vida pastoral

novembro-dezembro de 2021 – ano 62 – número 342



**BEM-AVENTURADO  
TIAGO ALBERIONE:  
O PROFETA DA COMUNICAÇÃO  
50 ANOS DA SUA PÁSCOA**



**CONHEÇA O NOVO PROJETO DA PAULUS:**

 **Livraria em saída**

O projeto "Livraria em saída" tem como objetivo levar literatura, conhecimento e a Palavra de Deus a todo o Brasil. Por meio de livrarias móveis (Kombis), a PAULUS busca alcançar ainda mais o público e nossos parceiros, indo às cidades onde nossas lojas não estão e a lugares de difícil acesso.

**ACOMPANHE A PAULUS NAS REDES SOCIAIS PARA SABER SE A  
"LIVRARIA EM SAÍDA" ESTARÁ PRÓXIMA DE VOCÊ:**



@editorapaulus

**Informações:**

assessoria.difusao@paulus.com.br

WhatsApp: (11) 99975-2292

**Comunicação**  
*para um mundo melhor*

  
PAULUS

## Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

“Para onde caminha a humanidade?” Essa frase norteava os objetivos de vida do Bem-aventurado Tiago Alberione (Itália, 1884–1971), fundador dos Paulinos e da Família Paulina. Alberione tinha sede da totalidade, e em seu coração cabia toda a humanidade, seus dramas, crises e também potencialidades, para que, mesmo em meio ao caos, pudesse gerar a ordem no mundo. Por isso mesmo, sua história de vida revela a capacidade de um ser humano de superar dificuldades e sofrimentos. Alberione viveu a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. A Primeira, quando suas fundações começavam a dar os primeiros passos; a Segunda, quando a instituição se expandia e, pelos frutos do apostolado, já se podia contemplar a “mão de Deus sobre toda a Família Paulina”. Além dos absurdos ocasionados pelas guerras, não foram poucos os sofrimentos por doenças, a ponto de Alberione chegar a ser desenganado aos 38 anos de idade. Mas o Senhor o levantou até os 87 anos, quando de sua partida definitiva deste mundo.

As pessoas carismáticas, de fato, deixam-se guiar pelo Espírito. Nem por isso estão imunes ao sofrimento, mas amadurecem com ele. A vida de Alberione foi uma entrega total e radical ao seguimento de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

Um homem entusiasmado pela comunicação. Ele bem sabia que os maiores problemas do mundo se dão pelos ruídos na comunicação e que a solução só ocorreria mediante uma prática comunicativa que levasse em conta, em primeiro plano, a busca do outro.

O entusiasmo de Alberione pela comunicação do Evangelho nasceu da meditação e do testemunho de vida do apóstolo Paulo, especialmente da carta aos Romanos. Daí Alberione bebeu e nos legou aquele desafio fundamental: “falar de tudo cristãmente”, com criatividade para não “plantar onde outros já plantaram”, renovando sempre o interesse pela cultura da comunicação. “Fiz questão de anunciar o Evangelho onde o nome de Cristo ainda não havia sido anunciado” (Rm 15,20).

Nessa perspectiva, *Ir. Joana Puntel* apresenta Tiago Alberione como o homem do “amém”,

capaz da escuta. Para a autora, os “améns” de Alberione têm profunda conexão com o ESCUTAR, no que isso significa, desde a etimologia da palavra: escutar, do latim *auscultare*, dar ouvido, obedecer. Assim, destacamos os “améns” de Tiago em *três grandes* escutas, bem como suas consequências: escutar o Espírito, escutar a história, escutar a pastoral (aspecto eclesiológico). *Pe. Valdir de Castro*, por seu turno, traça o perfil do Bem-aventurado Tiago Alberione, destacando alguns aspectos de sua vida e enfatizando, especialmente, o grande legado que deixou para a Igreja: o fascinante carisma de evangelizar utilizando-se dos meios de comunicação, inspirado no grande comunicador, o apóstolo Paulo.

Ainda no âmbito comunicacional, o artigo do *Prof. Fernando Altemeyer Junior* é uma homenagem a dom Paulo Evaristo Arns pelo seu centenário. Nascido em 14 de setembro de 1921 e falecido em 14 de dezembro de 2016, Paulo foi homem sábio, profeta comunicador da esperança, defensor da vida. Grande amigo dos Paulinos. Homenageá-lo na mesma edição especial em que se recorda o testemunho de Tiago Alberione é alimentar a esperança de nova comunicação para um novo tempo.

Por fim, *Pe. Vinícius Augusto Teixeira* nos ajuda a refletir sobre a dor da “despedida dos que partem”, neste tempo tão desolador de pandemia, agravado pela espiral da indiferença. Para o autor, a realidade da morte se tornou absurdamente recorrente, com todos os seus impactos psicológicos, sociais e religiosos.

Além disso, para inspirar nossas homilias e meditação da Palavra de Deus, temos os roteiros homiléticos, desta vez com a valiosa colaboração de *Ir. Izabel Patuzzo*.

Esta edição de *Vida Pastoral*, portanto, é carinhoso tributo ao nosso Tiago Alberione, por ocasião dos 50 anos de sua páscoa. Ele nos inspire do céu neste momento difícil que a humanidade atravessa.

Boa leitura!

**Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp**  
Editor

# vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes  
e agentes de pastoral

Ano 62 - Nº 342  
novembro-dezembro de 2021



PAULUS

© PAULUS – 2021  
Pia Sociedade de São Paulo  
Rua Francisco Cruz, 199  
04117-091 – São Paulo – SP  
paulus.com.br  
ISSN – 0507-7184

#### Jornalista responsável

Pe. Valdir José de Castro, ssp

#### Direção editorial

Pe. Sílvio Ribas, ssp

#### Editor

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

#### Redação

vidapastoral@paulus.com.br

#### Conselho editorial

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp  
Pe. Darci Luiz Marin, ssp  
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp  
Pe. Sílvio Ribas, ssp

#### Imagens

Romolo Picoli Ronchetti (artigos)  
e iStock  
(Roteiros Homiléticos)

#### Imagem da capa

Romolo Picoli Ronchetti

#### Diagramação

Philipe Silva Ribeiro dos Santos

#### Revisão

Alexandre Soares Santana  
Tiago José Risi Leme

#### Impressão - PAULUS

#### Versão digital



vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

#### Área:

Humanidades e artes.  
Curso: Teologia.

## Sumário

### HOMEM DO “AMÉM”

AO ESPÍRITO, À HISTÓRIA, À PASTORAL..... 4

Joana T. Puntel, fsp

### TIAGO ALBERIONE:

UM SANTO PARA OS NOSSOS DIAS ..... 14

Valdir José de Castro, ssp

### CENTENÁRIO DO CARDEAL ARNS,

EMINENTE COMUNICADOR ..... 24

Fernando Altemeyer Junior

DESPEDIR-NOS DOS QUE PARTEM ..... 32

Vinícius Augusto Teixeira, cm

ROTEIROS HOMILÉTICOS ..... 39

Izabel Patuzzo

## Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso no *site* inteiramente gratuito: [www.vidapastoral.com.br](http://www.vidapastoral.com.br)

#### Para contato:

[paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja)

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 99974-1840

✉ [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)

📱 @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!

### APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44,45,78,79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

### ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

### BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina  
(91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

### BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

### BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco  
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasil@paulus.com.br

### CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

### CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

### CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

### COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

### CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

### CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

### FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

### FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

### GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

### GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01  
(42) 9926-0224  
guarapuava@paulus.com.br

### JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de  
Carvalho, 134 – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

### JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

### MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

### NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

### PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

### RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

### RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 119  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

### SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

### SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

### SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

### SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

### SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metró Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

### SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro  
(15) 3442-4300 3442-3008  
sorocaba@paulus.com.br

### VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br

# HOMEM do “AMÉM” ao Espírito, à história, à pastoral

\*Joana T. Puntel (irmã paulina) é jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Simon Fraser University (Canadá) e pela Universidade de São Paulo. Docente no curso de especialização em Comunicação, Teologia e Cultura (Sepac/Itesp). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação – Intercom. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da CNBB (Grecom). Pesquisadora, conferencista nas áreas de cultura, Igreja-comunicação e pastoral. E-mail: joana.puntel@gmail.com



*Na celebração dos 50 anos da páscoa do fundador da Família Paulina, Tiago Alberione, a proposição do presente artigo é convidar os leitores a acompanhar o percurso de uma vida exemplar, que, no seu tempo, sempre buscou projetar o futuro. O caminho é entrelaçado com fios dourados de “améns”: ao Espírito, à história e à pastoral. Hoje, vive-se a proposta de Alberione para continuamente reinventar-se na evangelização que o contexto atual solicita.*

## INTRODUÇÃO

Conhecemos<sup>1</sup> o Pe. Tiago Alberione (hoje, “Beato”), fundador da Família Paulina, como um tecido de vida (usando uma metáfora!) que se desdobra com fios entrelaçados, bordados, fecundados de “améns” ao Espírito. Nos 50 anos de sua páscoa, enfatizamos seu legado comunicacional para a Igreja, como fruto do “entrelaçamento” dos seus contínuos “améns” ao Espírito que o conduzia.

Tudo começou com um primeiro “amém” de Tiago Alberione ao Espírito. Os “améns” de Alberione têm profunda conexão com o ESCUTAR, no que isso significa, desde a etimologia da palavra: escutar, do latim *auscultare*, dar ouvido, obedecer. Assim, destacamos os “améns” de Tiago em *três grandes* escutas, bem como suas consequências: escutar o Espírito, escutar a história, escutar a pastoral (aspecto eclesiológico). Os “améns” são indissociáveis: um supõe o outro, um depende do outro. Todos, porém, se entrelaçam na vivência e no cumprimento da missão.

## 1. AS TRÊS GRANDES ESCUTAS

### 1.1. Escutar o Espírito

Há um chamado de Deus e uma resposta de Alberione. Isso remonta à passagem do século XIX para o século XX. Uma noite em que, em adoração, Alberione viveu profunda experiência, a escuta do Espírito, como consequência de sua sensibilidade a Deus e

ao contexto histórico em que vivia. Dócil ao Espírito, profundamente sintonizado com a bastante complexa realidade sociocultural e eclesial do seu tempo, ele rezava diante do Santíssimo. Inquieto e sensível à realidade que se transformava, perguntou ao Senhor, na oração: “O que fazer pelos homens do novo século?” Sua inquietação, naquele contexto, nascia de um chamado para proclamar a Palavra de Deus com os modernos meios de comunicação, então florescentes. No início, certamente com a imprensa; depois vieram o rádio, a TV (chegou até a tentar o cinema), enfim, os audiovisuais e – vislumbrando o futuro – “tudo o que a ciência poderia oferecer para fazer o bem”. Era preciso alargar o horizonte, estar em sintonia com os tempos, para proclamar a Palavra de Deus. Tudo foi amadurecido na oração, e Tiago Alberione fundou, então, a Família Paulina, iniciando-a com os padres e irmãos paulinos e, depois, promovendo a valorização da mulher, com a fundação das congregações femininas e seus apostolados específicos, sobretudo com um carisma para a evangelização com a comunicação.

Alberione se inquieta! Já com um coração de apóstolo, analisa, reflete, contempla a humanidade, com suas angústias e alegrias. Há mutações profundas em vários campos do saber e, portanto, dos comportamentos

<sup>1</sup> Conheci-o pessoalmente, em uma de suas vindas ao Brasil.



*“Destacamos os ‘améns’ de Tiago em três grandes escutas, bem como suas consequências: escutar o Espírito, escutar a história, escutar a pastoral.”*

humanos, quer no âmbito da antropologia, quer no da eclesiologia. Ele se acerca de pessoas que igualmente se preocupam com as ideias do modernismo, que dialogam sobre a crescente falta de sentido, de Deus, na sociedade; e também sobre a situação eclesial, bastante despreparada para indicar rumos de esperança para a sociedade da época. O que fazer pela humanidade que nascia com o “novo século”? Alberione busca, então, Aquele que possui todas as respostas, porque é a Verdade, que indica a direção, porque é o Caminho, e enche a existência de vitalidade, porque é a Vida. Amadurece, então, suas ideias, sua inquietação, na Eucaristia, à luz da Palavra de Deus, os dois grandes geradores de energia para as atividades apostólicas que Alberione deixa, como legado essencial, à Família Paulina.

## 1.2. Escutar a história

O “amém” ao Espírito conduziu Alberione ao “amém” da escuta da história. Ele busca, em Paulo apóstolo, o Espírito, para “enxergar” a história. Meter-se dentro, estudar, enxergar, agir. Em que contexto viveu Paulo? Em que contexto vivia Alberione?

Era assíduo leitor das cartas de São Paulo, pois o apóstolo o encantava, o inspirava, era o evangelizador por excelência. Alberione, então, escolhe Paulo como o pai, o protetor, o modelo para seguir Jesus Mestre. No apóstolo, ele encontrou um protótipo da vida em Cristo. Um santo que se destacava em duas direções: a intimidade com Jesus Cristo e a missionariedade. Enfim, a escolha por Paulo concentrava-se no fato de o apóstolo ser uma pessoa possuída por Deus, dócil ao

Espírito Santo, empenhada num processo de cristificação: “Até que Cristo se forme em mim” (Gl 4,19); mas também: “Ai de mim se eu não evangelizar” (1Cor 9,16).

Alberione compreendeu que Paulo viveu do Espírito, agiu sob a influência do Espírito, tinha a força, a luz que lhe vinha do Espírito. Sobretudo, Paulo “enxergava” com a luz do Espírito (é possível *ver* as realidades e não *enxergá-las*). Portanto, era o Espírito agindo na identidade cristocêntrica de Paulo que o fazia enxergar, isto é, perceber onde a evangelização precisava atuar, encarnar. Como Paulo, Alberione mergulhou na história para dar uma resposta ao contexto em que se encontrava. Dizer “amém” à história é enxergar e ser criativo para agir.

O contexto da passagem do século XIX ao século XX revelava um homem moderno, com novas aspirações. Alberione procurava participar de congressos, escutando sociólogos do seu tempo, que faziam perceber os desafios vividos pela sociedade e apresentados à Igreja. Destacava-se, nesse campo, um economista e sociólogo apaixonado por Cristo e pela Igreja, Giuseppe Toniolo, que, sem dúvida, teve grande influência sobre Alberione. Na época, também o papa Leão XIII solicitava rezar pelo novo século que nascia. Ambos falavam das necessidades da Igreja, dos novos meios que surgiam e do dever de opor imprensa a imprensa, organização a organização, de fazer o Evangelho penetrar nas massas.

A sociedade progredia bastante velozmente, em relação aos tempos anteriores. Estavam desabrochando já as novas invenções

tecnológicas para desenvolver a comunicação, de maneira que o “amém” de Alberione ao Espírito o conduzia também à cultura e à percepção de onde o Espírito queria dar a resposta, aquela que Alberione buscava para “dar à humanidade”. Sensível à história, ele percebe a importância da comunicação, de fazer nova “pregação”. Os meios de comunicação podiam se tornar o “novo púlpito”, para alimentar a dimensão espiritual existente no ser humano e o agir consequente numa sociedade que se transformava progressivamente. Ali estava a Igreja, com suas necessidades, mas, ao mesmo tempo, não bem preparada para o “novo” que emergia. Um grande desafio!

Alberione diz mais um “amém” ao Espírito e, agora, à história. Ele não hesita. Lança-se e funda a Família Paulina. Põe a comunicação a serviço da Palavra de Deus, no contexto sociocultural do seu tempo. Já em 1925, entendeu e afirmou que “o mundo tem necessidade de nova, longa e profunda evangelização” (ESPOSITO, 1983, p. 680).

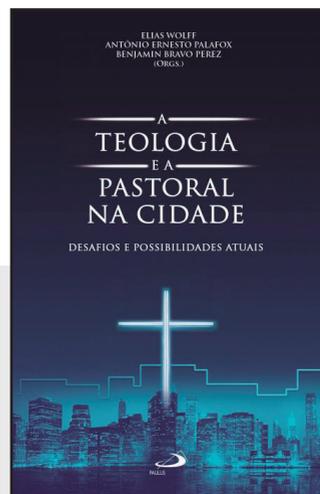
### 1.3. Escutar a pastoral

O “amém” à pastoral, sempre à luz do Espírito Santo, impulsionava Alberione a viver a mística apostólica, a exemplo de Paulo, que enxergava a realidade. Era preciso abrir fronteiras para o Evangelho; tal como Paulo, Alberione parte, então, de uma experiência profunda com Cristo (uma identidade cristocêntrica!) e vai não somente ver a realidade, mas enxergá-la. Isto é, vai sentir a necessidade de não somente levar Cristo, mas também enxergar os modos de percepção da fé que o contexto, a ambiência do momento atual, oferece. Sabemos que a fé não muda, mas a *percepção* da fé, essa, sim, se modifica, varia conforme as sociedades evoluem e novos sujeitos, novas relationalidades surgem a partir de tantas interferências – por exemplo, das novas tecnologias.

## A Teologia e a Pastoral na Cidade

Desafios e possibilidades atuais

*Elias Wolff, Antônio Ernesto Palafox e Benjamin Bravo Perez (orgs.)*



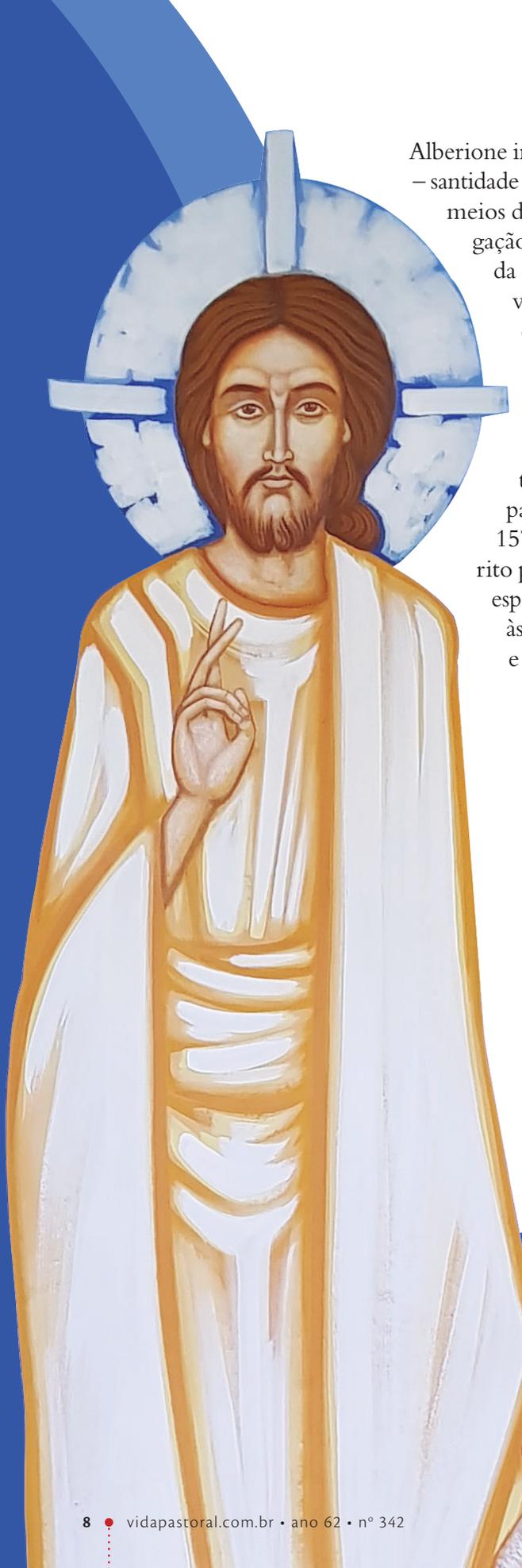
392 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A cidade se caracteriza por estilos de vida decorrentes dos diversos fluxos e atividades de pessoas, grupos e comunidades constituídas no seu interior. Essa aspiração indica que o ser humano não constrói sozinho a vida das cidades. O desafio teológico é, na perspectiva cristã, discernir na cidade os elementos que podem indicar uma revelação do divino com rosto humano e urbano.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Alberione iniciou, assim, um estilo original de evangelização – santidade e apostolado com a imprensa e com os sucessivos meios de comunicação, “a pregação escrita junto à pregação oral”. Ele intuiu o significado e a importância da comunicação como “eixo” sobre o qual se movem as pastorais. Introduziu, então, na Igreja um carisma pastoral: evangelizar com a comunicação.

As mudanças do contexto social influenciam a pastoral. Alberione chega a dizer, em certa ocasião: “Convém alargar [os horizontes] segundo as necessidades de hoje [...]. Convém tomar o mundo e os homens como eles são hoje, para fazer o bem hoje” (ALBERIONE, 1973, p. 157). Fala-se muito, atualmente, a respeito do espírito pastoral; no entanto, já faz algum tempo que esse espírito pastoral despertou. Dar orientação moderna às obras é o que deduzimos do espírito profético e criativo de Alberione. Assim, ele diz:

a religião, a doutrina, a moral, a ascética são imutáveis; no entanto, têm sofrido e sofrem ainda certo progresso accidental, porque vão sendo compreendidas pelos homens e se adaptam às necessidades dos tempos e das classes sociais. Nós devemos conduzir as almas ao paraíso; no entanto, devemos conduzir não aquelas que viveram dez séculos atrás, e sim aquelas que vivem hoje (ALBERIONE, 2012, p. 92-93).

Os caminhos de Alberione, pontuados pelos seus contínuos “améns” à pastoral, se, por um lado, se mostraram proféticos, por outro, foram sempre sofridos. Também a Igreja, em sua lentidão como instituição, demorava a perceber a importância da comunicação. Alberione sentia e colaborava para que houvesse uma

*“O ‘amém’ à pastoral, sempre à luz do Espírito Santo, impulsionava Alberione a viver a mística apostólica, a exemplo de Paulo, que enxergava a realidade.”*

pastoral “moderna”. Chegou inclusive a afirmar sobre a Igreja (o clero) da época: “Uma parte ainda apegada aos antigos métodos de vida e pastoral; ficavam alheios às novas necessidades; a outra, convencida da necessidade de sistemas, organizações e iniciativas pastorais atualizadas” (AD 49).

Grande contribuição para o desenvolvimento de nova mentalidade sobre comunicação, iniciada pelo Concílio Vaticano II, foi oferecida por Tiago Alberione, que, como superior geral de uma congregação, participou das sessões do Concílio Vaticano II. É possível encontrar, por exemplo, entre tantos dos seus apontamentos (respondendo aos questionários em preparação ao Concílio), sua manifestação em favor da língua vernácula nas celebrações, bem como sobre a necessidade de um dicastério que se ocupasse da comunicação. Na verdade, o que resultou do decreto *Inter Mirifica* foi o incentivo para a criação de um secretariado pontifício.

Com o amém à pastoral de Alberione, passamos a um novo exame.

## 2. INTER MIRIFICA: RECORDAR POR QUÊ?

Há exatamente 58 anos, em 4 de dezembro de 1963, o segundo dos 16 documentos do Concílio Vaticano II – o decreto *Inter Mirifica* – era aprovado, assinalando a primeira vez que a Igreja, de modo formal e “solene”, se voltava para a questão da comunicação. Em seus escritos e palavras, Alberione manifesta o contentamento por essa aprovação, que ele interpreta como vontade de Deus para o início de um modo original de evangelização, indicando ser possível santificar-se mediante o exercício do apostolado da comunicação (santidade e apostolado).

A importância do decreto, como aceitação oficial, reside na “legitimação” do uso dos meios de comunicação social pela Igreja. Isso representa um divisor de águas, se levarmos em conta a trajetória anterior da relação

entre Igreja e cultura, desenvolvida, em diferentes épocas, praticamente sem diálogo em muitas áreas, como a da comunicação.

Querendo referir-se a todas as tecnologias de comunicação, mas também ao ser humano, o documento usou um conceito de tecnologia que não se atinha apenas às técnicas ou à difusão delas, mas incluía também os atos humanos decorrentes – que são, no fundo, a principal preocupação da Igreja no seu trabalho pastoral. A Igreja quis assumir, assim, uma visão mais otimista da comunicação diante das “questões sociais”, pois a comunicação não pode reduzir-se a simples instrumentos técnicos de transmissão, mas deve ser considerada como um processo de relacionalidade entre as pessoas. Por isso, a Igreja optou pela terminologia “comunicação social”, preferindo-a a outras expressões que pareciam ambíguas ou redutivas.

Os 24 artigos que compõem o *Inter Mirifica* foram aprovados quase no final da segunda sessão do Concílio, já sob a presidência de Paulo VI. O texto se divide em dois capítulos, e o primeiro deles trata das normas para o correto uso dos meios de comunicação social. São deveres que a Igreja considera como princípios a serem levados em consideração, como o direito à informação (tema candente na década de 1960; hoje, ainda se verifica a exigência da temática “informação”, mas ligada à reflexão sobre as *fake news* e a “desinformação da informação”).

O capítulo 2 do decreto aborda “os meios de comunicação social e o apostolado”. O ponto de partida, sem acrescentar inovações em relação às recomendações de documentos romanos anteriores, consiste na ação pastoral, incentivando todos os católicos a que promovam (art. 14) e sustentem (art. 17) a boa imprensa, produzam e exibam excelentes filmes; deem eficaz ajuda à boa transmissão de rádio e televisão. Para alcançar tal objetivo, é preciso formar os autores, atores e críticos (art. 15), bem como os usuários (art. 16). As

orientações da Igreja, contidas nesse capítulo, são princípios “que não envelhecem” e se aplicam a toda a extensão de inovações tecnológico-digitais em contínua evolução.

O *Inter Mirifica* incluiu na prática pastoral o dever da formação pessoal do receptor (art. 9), com a conseqüente indicação das formas para consegui-la (art. 16). Tal recomendação abriu caminho para os documentos posteriores sobre o tema incentivarem a necessidade de formação para a comunicação, ultrapassando o reducionismo do uso dos meios, isto é, levando em consideração a cultura, o diálogo entre fé e cultura, com novos paradigmas, novos processos comunicativos na sociedade contemporânea.

A proposta de estabelecimento de um dia anual para estudo, reflexão, análise, ação e oração no que concerne à comunicação (art. 18) foi concretizada já em 1966, e o papa Paulo VI, em 1967, escreveu a primeira mensagem para a celebração desse dia, prática que continua a ser seguida pelos pontífices até o presente. O decreto contém, também, a solicitação para que se criasse, na Santa Sé, um secretariado especializado para a comunicação (atualmente, já dentro de nova estrutura, o Dicastério para a Comunicação).

### 3. NOSSO “AMÉM” NAS PEGADAS DE ALBERIONE

O “amém” ao Espírito, que continua chamando para evangelizar, o “amém” à história, que se modifica e reconfigura a sociedade em contextos contemporâneos e pandêmicos, e o “amém” à pastoral, que

necessita ser consequência de um “amém” ao Espírito, de uma sensibilidade à história, levam a pastoral a realizar o diálogo entre fé e cultura na sociedade contemporânea, marcada pela cultura digital. É questão de fidelidade ao legado que Tiago Alberione deixou aos seus filhos e filhas e a todos os que na atualidade se propõem comunicar a mensagem da Boa-nova.

Em sentido pastoral, hoje, no campo digital, é preciso ir além do simples “manejo” dos dispositivos, mas incluir a primazia do ser humano; portanto, contribuir para qualificar o “estar nas redes sociais”. Uma pastoral que seja profetismo, que ajude as pessoas a fazer suas escolhas, especialmente nestes tempos de pandemia.

#### 3.1. A Igreja, a pastoral... a caminho

Em meio à complexidade das transformações no campo da mídia, especialmente nos últimos anos, as quais provocam mudanças não somente nas organizações administrativas e de mercado, mas também na convivência humana, a Igreja cresce na consciência de que comunicação e evangelização não podem trilhar caminhos paralelos sem realizar estreito e efetivo diálogo com a sociedade contemporânea.

Nos últimos 55 anos, o magistério da Igreja, por meio das mensagens dos papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, tem acompanhado o desenvolvimento e as mudanças ocorridas no âmbito da comunicação, um fenômeno em contínua transformação no tocante a sua criatividade, suas articulações e suas conseqüências na sociedade contemporânea. O primado de



*“No campo digital, é preciso ir além do simples ‘manejo’ dos dispositivos, mas incluir a primazia do ser humano.”*

tais mensagens, em sintonia com a missão fundamental da Igreja, tem sido sempre situar a pessoa humana como centro do papel histórico e da função que os meios de comunicação têm na construção do viver humano, segundo nossa vocação basilar de filhos e filhas de Deus. O magistério avança no esforço e no incentivo para que a Igreja seja um sinal que aponte Jesus Cristo, mas na “ágora moderna”. É ali que a Igreja deve também *ser e estar*, conforme Bento XVI: “Este é um dos caminhos onde a Igreja é chamada a exercer uma ‘diaconia da cultura’ no atual ‘continente digital’” (BENTO XVI, 2010).

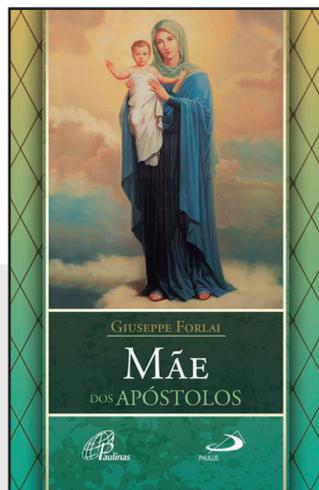
Dizer “amém” à pastoral – assim como Alberione, quando escutou o Espírito, escutou a história – exige, a exemplo do apóstolo Paulo, enxergar nossa realidade, em situação de pandemia. Isso requer mudança de mentalidade, para desenvolver a pastoral com base em um diálogo atual entre fé e cultura. Esse é grande e necessário desafio para a atualidade da Igreja, porque está nascendo “nova maneira de aprender e pensar” (BENTO XVI, 2011). O interesse da Igreja pela comunicação nas redes sociais digitais, também como espaço de evangelização, manifesta sua capacidade de acompanhar o desenvolvimento humano, cultural e científico da comunicação, o desejo permanente de dialogar e participar ativamente da ambiência que envolve o processo de criação das novas expressões de relacionamento.

Sem deixar de olhar positivamente para o que a comunicação digital pode e deve construir (pontes, por exemplo), em continuidade com Bento XVI, Francisco chama a atenção, na *Fratelli Tutti* (n. 43), para o fato de que, quando não existe responsabilidade, as redes podem também se tornar uma plataforma de desrespeito e ódio. Por isso, ele adverte que “a [simples] conexão digital não é suficiente para construir pontes, não é capaz de unir a humanidade”. Nesse caso, a comunicação se tornaria “uma ilusão”.

## Mãe dos Apóstolos

### Viver Maria para anunciar Cristo

Giuseppe Forlai



112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Maria é, na verdade, a forma do Verbo, a carne dele. E ela assim é de maneira tão intensa que nós, de nossa parte, para levarmos Cristo ao mundo, não podemos senão assumir essa forma de Maria. Este breve livro quer desenvolver, portanto, “a graça de Lyon”, ou seja, a ideia teológica e espiritual oculta como pérola no cofre dos títulos marianos de “Rainha dos Apóstolos”, “Rainha de Pentecostes” e “Nossa Senhora do Cenáculo”.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

### 3.2. É chegada a hora de reinventar-se

Em nossos dias, a “complexificação” no mundo digital chegou a altos níveis. A questão que se apresenta sempre é a centralidade da evangelização. Em virtude do fascínio e encantamento das possibilidades que o mundo digital oferece, há a exigência de reinventar, inovar e educar para viver a ressignificação de novas relações consigo mesmo, na família, nas comunidades, no trabalho... Aqui, não somente pelo digital, mas também por causa da pandemia, reinventar, inovar nossa produção no mundo digital deve se traduzir em evangelizar para que os seres humanos vivam nova realidade de se sentirem interligados uns aos outros, de maneira que a fraternidade e a solidariedade não fiquem canceladas pelo isolamento. Por conseguinte, seguindo os apelos do Concílio Vaticano II, realizar a comunicação não é simplesmente noticiar, mas também envolver as pessoas em nova humanização, que perpassa a educação – uma comunicação das relações humanas e evangélicas. Isso passa pelos novos métodos, pelo esvaziamento de nós mesmos para podermos obter uma mudança de mentalidade. O critério é sempre a Boa-nova de Jesus Cristo. Não é a produtividade baseada unicamente no profissionalismo, no número de *likes*, no mercado, mas os critérios do Reino de Deus (GUIMARÃES, 2020).

Inovar é ser convocado para uma evangelização mais *profética*, que toca temas candentes na sociedade, pois é preciso falar não o que agrada às pessoas, e sim o que elas precisam ouvir. O que emerge dessa realidade de pandemia? A solidão, a dor, a fraternidade, o perdão, a compaixão, a morte, a cidadania, as políticas públicas, a ética, dar-nos conta de que estamos vivendo um novo *ethos*.<sup>2</sup> A *evangelização*

<sup>2</sup> Vale a pena acompanhar a preocupação da Igreja – bem como sua abertura ao diálogo – sobre a questão da inteligência artificial. Papa Francisco insiste sobre a primazia do ser humano. Artigos sobre a temática estão presentes especialmente nas publicações do IHU, com particular atenção para o teólogo Paolo Benanti.

*profética* precisa descobrir, refletir e alimentar a esperança, a solidariedade, porque somos construtores de esperança na comunicação. Diz o papa Francisco: “Precisamos de ternura. O mundo da mídia tem de se preocupar com a humanidade”; “O mundo digital pode ser um ambiente rico em humanidade, uma rede não só de fios, mas de pessoas”. É um chamado para produzir conteúdos, usar métodos que, nos diversos campos (também na educação), levem as pessoas a nova humanização.

### CONCLUSÃO

A vida de Tiago Alberione foi realmente um tecido desdobrado com fios entrelaçados, bordados e, sobretudo, “fecundados de améns” ao Espírito, na sua escuta profunda que interioriza o movimento-apelo do Espírito e lhe obedece. O Espírito o conduz para escutar a história. Assim, Alberione se deixa tomar pelo contexto e pergunta ao Senhor “o que fazer por essa humanidade”. Surge, então, o fio de ouro que borda todo o tecido, a pastoral com novo “jeito de evangelizar”, novo púlpito de pregação da Palavra. Sempre fiel à Igreja, Alberione colabora com ela, ajuda a formar nova mentalidade, novos métodos, com os meios de comunicação, pois era firme em dizer: “Nosso apostolado visa criar uma mentalidade nova na sociedade. Dar-lhe novo rumo” (ALBERIONE, 1973, p. 161). **vp**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERIONE, T. *Pensamentos*: fragmentos de espiritualidade apostólica, tirados de seus escritos e palavras. São Paulo: Paulus, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Abundantes divitiae gratiae suae*: história carismática da Família Paulina (AD). São Paulo: Paulus, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Donec formetur Christus in vobis*. São Paulo: Paulus, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O apostolado da edição*. São Paulo: Paulus, 2012.

\_\_\_\_\_. *Anotações de teologia pastoral: prática do ministério sacerdotal para o jovem clero*. São Paulo: Paulus, 2012.

BENTO XVI, Papa. *Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2010. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20100124\\_44th-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html)>. Acesso em: 27 maio 2021.

\_\_\_\_\_. *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2011. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20110124\\_45th-world-communications-day.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html)>. Acesso em: 27 maio 2021.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana T. *Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações*. São Paulo: Paulinas/Sepac, 2019.

DAMINO, Andrea. *Don Alberione al Concilio Vaticano II*. Roma: Edizioni dell'Archivio Storico Generale della Famiglia Paolina, 1994.

ESPOSITO, Rosario F. (Org.). *La primavera paolina: L'Unione Cooperatori Buona Stampa dal 1918 al 1927*. Roma: San Paolo, 1983.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

GUIMARÃES, D. Joaquim G. Mol. Sopradores de brasas: entrevista. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano XVII, n. 149, v. 17, 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/149cadernosteologiapublica.pdf>>.

PUNTEL, Joana T. *Inter Mirifica*: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

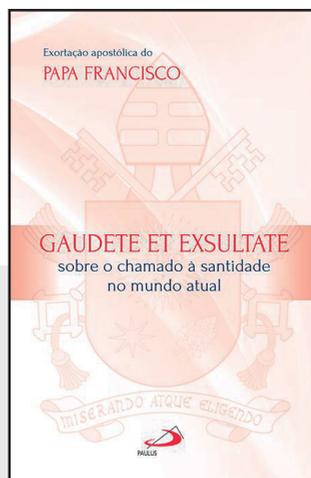
ROATTA, G. *São Paulo e a Família Paulina: no pensamento do Pe. Tiago Alberione*. São Paulo: Paulus, 1977.

ROLFO, L. *Padre Alberione: anotações para uma biografia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

## Gaudete et Exsultate

Exortação Apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual

Papa Francisco



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

“Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da ‘classe média da santidade’.”

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

# TIAGO ALBERIONE

## *um santo para os nossos dias*

*O artigo traça o perfil do Bem-aventurado Tiago Alberione, destaca alguns aspectos de sua vida e enfatiza, especialmente, o grande legado que ele deixou para a Igreja. Trata-se do fascinante carisma inspirado no grande comunicador, o apóstolo Paulo: evangelizar utilizando-se dos meios de comunicação.*



\*Pe. Valdir José de Castro é sacerdote paulino licenciado em Teologia, com especialização em Espiritualidade pela Universidade Gregoriana (Roma); graduado em Jornalismo pela Universidade de Caxias do Sul (RS); licenciado em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (SP) e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalhou como formador, diretor geral de Apostolado da Paulus, professor e diretor da Fapcom e superior provincial no Brasil. Atualmente é superior geral da Pia Sociedade de São Paulo. E-mail: valdir.decastro@paulus.net



## INTRODUÇÃO

Há 50 anos, precisamente no dia 26 de novembro de 1971, falecia em Roma o Bem-aventurado Tiago Alberione, deixando inestimável legado à Igreja e ao mundo, concretizado especialmente na fundação da Família Paulina (cf. boxe na página 22). Mais que um conjunto de instituições, essa família religiosa é a consolidação de um audacioso projeto de evangelização, o qual se inspira no espírito missionário do apóstolo Paulo

e encontra na comunicação um eixo comum. Certamente é impossível traçar, em poucas linhas, a globalidade da fascinante personalidade de Pe. Alberione. Destacamos apenas alguns aspectos de sua vida que, sem dúvida, são inspiradores para uma Igreja que busca vencer a tentação da autorreferencialidade, para levar a alegria do Evangelho a todas as pessoas, especialmente àquelas que vivem nas periferias existenciais da humanidade.



**“A ATIVIDADE JORNALÍSTICA ABRIA-LHE NOVO CAMINHO DE EVANGELIZAÇÃO, O QUAL SE CONCRETIZARIA COM A FUNDAÇÃO, EM 1914, DA PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO.”**

## 1. UMA VIDA PELO EVANGELHO

*“Ei-lo: humilde, silencioso, incansável, sempre vigilante, sempre recolhido nos seus pensamentos, que vão da oração à ação (segundo a fórmula tradicional: ora et labora), sempre atento a perscrutar os “sinais dos tempos”, ou seja, as formas mais geniais para chegar às almas; o nosso padre Alberione deu à Igreja novos instrumentos para infundir vigor e amplitude ao seu apostolado, nova capacidade e nova consciência da validade e da possibilidade da sua missão no mundo moderno e com os meios modernos.”*

Com essas palavras, Paulo VI, no dia 28 de junho de 1969, acolhia um grupo de paulinos numa audiência, com a presença do Pe. Tiago Alberione (1884-1971), já fragilizado pela idade avançada. É um discurso no qual o papa reconhece, no fundador da Família Paulina, a figura de um homem de Igreja que dedicou toda a sua vida à busca de novos caminhos para uma evangelização que respondesse às necessidades do tempo em que viveu. Uma missão que – é oportuno recordar, mesmo que sucintamente – encontra suas raízes na experiência que fez, ainda seminarista, na catedral de Alba (Piemonte, Itália), na passagem do século XIX para o século XX, por ocasião de uma adoração eucarística.

Respondendo ao apelo que o então papa Leão XIII havia feito à Igreja para iniciar o novo século à luz de Jesus Caminho, Verdade e Vida, lá estava o jovem Alberione, em oração, compenetrado nos seus pensamentos e, sobretudo, decididamente orientado a preparar-se para fazer algo para o Senhor e para a humanidade do novo

século que estava começando. Enquanto rezava, vinham à sua mente ainda juvenil, mas cheia de sonhos, as necessidades da Igreja e as questões sociais, a insistência do papa na criação de novos meios de fazer o bem e desenvolver uma imprensa forte, que levasse o Evangelho a penetrar nas massas (AD 14).

A hora do Senhor soou, como Alberione mesmo recordará, quando, já como presbítero, assumiu, em 1913, a direção do jornal diocesano *Gazzetta d’Alba*. A atividade jornalística abria-lhe novo caminho de evangelização, o qual se concretizaria com a fundação, em 1914, da Pia Sociedade de São Paulo (Congregação dos Padres e Irmãos Paulinos), primeiramente com o objetivo de evangelizar com a imprensa e, depois, sob sua orientação, empenhando-se com a “comunicação”, incluídos os meios técnicos e eletrônicos mais rápidos e eficazes.

## 2. ATENTO AOS SINAIS DOS TEMPOS

Padre Alberione não é pioneiro em utilizar a imprensa a serviço da evangelização. Suas ideias e sua prática pastoral tornam-se peculiares quando as entendemos na perspectiva de um autêntico projeto integrado de “nova” evangelização com os meios modernos de comunicação. Já no final da década de 1920, tinha a convicção de que “o mundo tem necessidade de nova, longa e profunda evangelização”, e que eram necessários missionários para esse novo e fecundo apostolado (ESPOSITO, 1983, p. 680, 682).

Na base de tal ideal estava a consciência de que a imprensa e os demais instrumentos

de comunicação não eram simples meios subsidiários, adicionais, para comunicar o bem. Acreditava ser necessário fazer com a palavra escrita e com a comunicação audiovisual o que os pregadores faziam com a palavra oral no templo, com a vantagem de poder chegar, com os instrumentos técnicos, a uma quantidade maior de pessoas, não somente àquelas que já frequentavam a comunidade paroquial, mas também às que estavam distanciadas, em suas casas, nas fábricas, nas escolas, nos lugares de diversão. Era ciente de que, se as pessoas não iam à igreja, a igreja tinha de ir até elas.

Tal projeto nascia da capacidade de Pe. Alberione, como havia reconhecido São Paulo VI, de descobrir, ler e interpretar os “sinais dos tempos”, isto é, de considerar os grandes acontecimentos e comportamentos que caracterizavam sua época, interpretados à luz do Evangelho. Nesse sentido, Pe. Alberione não foi tanto um “homem do futuro”, como alguém poderia interpretar. Vivia a história do seu tempo, com os pés no presente, obviamente com o olhar posto no futuro, no que se refere à sua abertura às novidades que surgiam no campo da comunicação instrumental.

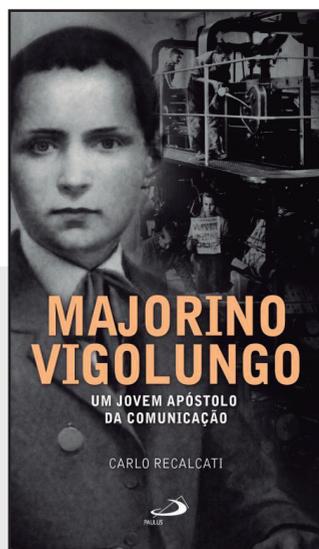
Outra peculiaridade é que Pe. Alberione pensou, a princípio, numa organização de leigos a serviço da evangelização (AD 24); depois de um discernimento maior, decidiu que seria formada por pessoas consagradas, homens e mulheres, “paulinos e paulinas”, que se dedicariam exclusivamente ao âmbito desse apostolado, movidas por uma espiritualidade particular. Nessa perspectiva, afirmava, em 1960:

a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão constituem hoje as mais urgentes, as mais rápidas e as mais eficazes obras do apostolado católico. Pode ser que os tempos vindouros reservem outros meios melhores. Mas, no presente, parece que

## Majorino Vigolungo

### Um jovem apóstolo da comunicação

Carlo Recalcati



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Na experiência de Majorino, é possível encontrar todos os ingredientes necessários para conhecer, compreender e viver a vontade de Deus. Esse jovem apóstolo da comunicação pode ser um fiel companheiro que se une às suas alegrias e às dificuldades que você encontrar no caminho para compreender e viver a sua vocação pessoal. O testemunho de santidade dele pode ajudar você a “progredir um pouquinho cada dia” no caminho de Deus e no cumprimento da sua vontade.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

o coração do apóstolo não pode desejar forma melhor para dar Deus às almas e as almas a Deus (VM 1283).

Pensando nessa ótica, foi com grande alegria que ele acolheu, em 1965, a publicação do decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II, sobre os meios de comunicação social. Padre Alberione viu nesse documento a explícita e contundente abertura da Igreja a uma missão na qual ele, já nos inícios do século XX, acreditava, promovendo-a e dando por ela sua vida, não obstante os cansaços, sofrimentos, incompreensões e obstáculos que encontrava no caminho.

### 3. VIVER E ANUNCIAR A PALAVRA, NOS PASSOS DE PAULO

A evangelização com a comunicação, no projeto idealizado por Pe. Alberione, encontra sua inspiração primeira no apóstolo Paulo, não só porque é importante referência de alguém que se deixou transformar pelo amor e pela misericórdia de Deus, manifestados em Jesus, mas também porque se tornou incansável anunciador do Evangelho, seja com a própria vida, nas relações diretas com as pessoas, seja utilizando os recursos de comunicação de sua época, entre os quais as cartas.

Segundo Pe. Alberione,

se São Paulo vivesse hoje, continuaria a deixar-se arder daquela dupla chama de um mesmo incêndio, o zelo por Deus e pelo seu Cristo, e pelas pessoas de cada país. E, para fazer-se escutar, subiria aos púlpitos mais elevados e multiplicaria sua palavra com os meios do progresso atual: imprensa, cinema, rádio, televisão (VM 648).

Gostava também de repetir o que, na sua época, já era um *slogan* recorrente, isto é, que, se São Paulo vivesse na era moderna, seria jornalista.

O moto paulino “ai de mim se não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16) deve ser também o princípio do apóstolo da comunicação que busca responder aos desafios da evangelização por meio das linguagens modernas. Nessa perspectiva missionária, a Bíblia, insistia Pe. Alberione, é o livro por excelência a ser difundido: “A Bíblia é o livro que devemos dar: ou por meio de filmes ou em livros, ou a viva voz com a rádio, ou por meio de discos, ou de qualquer outra forma; utilizemos todos os meios que o Senhor colocou ao nosso alcance” (VM 1014).

Embora sua preocupação fosse, antes de tudo, com a difusão da Bíblia e dos Evangelhos, em particular, ele acreditava que o papel do apostolado com a comunicação, utilizando as técnicas modernas, não consistia somente em falar de religião, mas em falar de tudo cristãmente. Para ele, era responsabilidade da Igreja utilizar as diversas linguagens da comunicação com o objetivo de fazer penetrar no pensamento humano valores inspirados no Evangelho, em vista de um mundo mais humano, fraterno e justo.

### 4. EM CRISTO E NA IGREJA, PARA CHEGAR A TODOS

Pode-se, porém, perguntar: deve-se chegar especificamente a quem com o apostolado da comunicação? O objetivo da evangelização com a comunicação é chegar a todos, porém considerando a humanidade na situação concreta em que vive. Olhando para a realidade do seu tempo, Pe. Alberione afirmava: “É precisamente neste século que devemos viver e agir. Devemos ser deste século, ou

**“A EVANGELIZAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO, NO PROJETO IDEALIZADO POR PE. ALBERIONE, ENCONTRA SUA INSPIRAÇÃO PRIMEIRA NO APÓSTOLO PAULO.”**

seja: tentar entender as necessidades e atendê-las”. E constatava: “Isso é fácil, pois Deus nos deu temperamento, costumes em relação ao nosso tempo, e não aos tempos passados” (VM 375).

É preciso chegar a todos com o Evangelho, com especial predileção pelos mais necessitados, ajudando-os a conquistar não somente o pão material, mas também o pão da instrução e da verdade. Para isso, insistia Pe. Alberione, é preciso utilizar uma linguagem simples na “pastoral”, termo que, para ele, significava justamente “a grande arte de dar Deus às pessoas e de dar as pessoas a Deus em Jesus Cristo” (VM 1205). É necessário, então, usar de criatividade, produzir conteúdos compreensíveis e acessíveis, com linguagens adequadas às crianças, aos jovens e adultos.

Outro segmento da sociedade considerado prioritário na mente de Pe. Alberione era o dos intelectuais. Ele era convicto de que, se queremos uma sociedade melhor, com uma “mentalidade nova”, é necessário levar o Evangelho aos intelectuais e aos que formam opinião com os meios de comunicação. “Se conquistar intelectuais, você pesca com a rede, não apenas com o anzol”, dizia o fundador da Família Paulina (VM 1329). Ele via na comunicação instrumental um canal imprescindível para criar relações e gerar diálogo com aqueles com responsabilidade na formação da consciência das pessoas, pois são eles que influenciarão as decisões às vezes fundamentais para o destino de uma comunidade, de um povo e até mesmo de um país.

## 5. OS DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO HOJE

Nos últimos 50 anos, desde que Pe. Alberione deixou este mundo, a comunicação tem passado por profundas transformações – especialmente com a chegada das técnicas digitais –, assim como a Igreja,

que, nas últimas décadas, tem procurado atualizar seu discurso e renovar sua prática, no que se refere a esse campo de evangelização.

Certamente, Pe. Alberione não imaginava a revolução que ocorreria no campo das técnicas comunicacionais, tampouco na realidade da comunicação como a vemos hoje configurada. Seguramente, porém, estaria aberto às mudanças ocorridas nesse âmbito, como podemos deduzir das suas palavras, quando afirma: “O mundo compreender-nos-á se utilizarmos os meios atuais para nos comunicarmos com ele. Portanto, não pense em dizer: ‘sempre fizemos isso’. Ao longo dos anos, precisamos nos adaptar às condições da época em que vivemos” (VM 347).

A atualidade de Pe. Alberione, a qual nos interpela como Igreja, reside na sua capacidade de estar atento às mudanças que a comunicação, mediada pela técnica, provoca na sociedade e, conseqüentemente, de buscar respostas concretas ao que se refere à ação evangelizadora. O empenho em adaptar a evangelização às condições da época em que vivia leva-nos a refletir sobre a atual realidade da comunicação e responder aos desafios que ela impõe.

A provocação a adaptar a Igreja à realidade da comunicação nos leva a considerar ao menos dois aspectos, entre muitos outros, que estão interligados e não podem ser ignorados, nos dias atuais, quando o tema é a evangelização: a compreensão da comunicação como “cultura” e a realidade do ambiente digital.

### 5.1. A comunicação como “cultura”

Antes de tudo, é preciso compreender a comunicação, mediada pela técnica, não somente como um conjunto de instrumentos que propagam informações e conteúdos, mas também como parte integrante de uma cultura que interfere diretamente na vida das pessoas.



**“UMA EVANGELIZAÇÃO  
QUE DESEJE LEVAR EM  
CONTA OS TEMPOS ATUAIS  
NÃO PODE PRESCINDIR DO  
AMBIENTE DIGITAL.”**

Essa visão de comunicação já era presente no magistério do papa São João Paulo II, quando, referindo-se ao uso dos instrumentos técnicos na evangelização, advertia que

não é suficiente usá-los para difundir a mensagem cristã e o magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas (RM 37).

A visão da comunicação como “cultura” é fundamental quando pensamos na evangelização. O Concílio Vaticano II já havia debatido sobre o perigo de criar distância entre cultura e Evangelho. De fato, parar no tempo ou romper o diálogo com a cultura sempre foram grandes tentações para a Igreja, como reconheceu o papa São Paulo VI, o que o levou a afirmar que “a ruptura entre Evangelho e cultura é, sem dúvida, o drama de nossa época, como o foi de outras” (EN 20).

O perigo da fossilização, mantendo-se em esquemas pastorais antigos, que separam a Igreja da cultura e, conseqüentemente, distanciam a mensagem do Evangelho das pessoas, é advertência constante também do papa Francisco. Daí o motivo de ele insistir na necessidade de a Igreja entrar na dinâmica de uma pastoral em chave missionária, que rompa com a autorreferencialidade.

Papa Francisco é contundente quando insiste sobre a urgência de a Igreja abandonar o critério pastoral do “fez-se sempre assim” e sobre a necessidade de assumir uma pastoral ousada e criativa na tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das comunidades (EG 33). Obviamente, “se pretendemos colocar tudo em chave missionária, isso se aplica também à maneira de comunicar a mensagem” (EG 34).

## **5.2. O ambiente digital**

Uma evangelização que deseje levar em conta os tempos atuais não pode prescindir do ambiente digital. Não se trata apenas de “usar” a internet, como se fosse mero instrumento de comunicação, mas sobretudo de viver na cultura digitalizada que influencia fortemente a noção de tempo e espaço, a forma de as pessoas se relacionarem entre si e com o mundo, a maneira de aprender, de informar-se, de manifestar-se politicamente, de consumir, de rezar etc.

O ambiente digital faz-nos ver que a forma linear de transmissão do anúncio do Evangelho – própria dos instrumentos de comunicação tradicionais, como a imprensa, o rádio, a televisão etc. – está passando por profunda “crise”; isto é, a comunicação hierárquica, que transmite a mensagem a partir de um centro para uma periferia, vai sendo substituída sempre mais, com o avanço das redes, por uma comunicação interativa e participativa.

Já não se trata simplesmente de “usar instrumentos”, mas de “habitar” um ambiente onde bilhões de pessoas circulam diariamente. O espaço digital torna-se imprescindível para a evangelização; nele somos chamados,

como Igreja, não só a oferecer conteúdos religiosos ou mensagens com valores cristãos, mas também a dar testemunho com base em um estilo cristão de comportamento. É nessa linha que se insere o papa Bento XVI quando admite que “existe um estilo cristão de presença também no mundo digital que se traduz numa forma de comunicação honesta e aberta, responsável e respeitadora do outro” (BENTO XVI, 2011).

Nestes tempos de comunicação em rede, é imprescindível ter presente, como afirma o papa Francisco, que “não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor” (FRANCISCO, 2016). É verdade que o mundo digital pode favorecer as relações e promover o bem da sociedade, mas, como já manifestou tantas vezes Francisco, não pode obviamente substituir a presença física e o contato direto, tão importantes nas relações humanas e na vida das comunidades. Um justo equilíbrio é indispensável.

Enfim, a evangelização no campo da comunicação não se reduz a utilizar os instrumentos técnicos (analógicos ou digitais) ou simplesmente a habitar o ambiente digital, mas envolve favorecer, com esses recursos, a comunicação mesma, que, no seu sentido mais profundo, deve gerar proximidade, partilha, escuta, acolhimento, ajuda mútua; estimular a verdade, motivar atitudes e comportamentos genuinamente evangélicos.

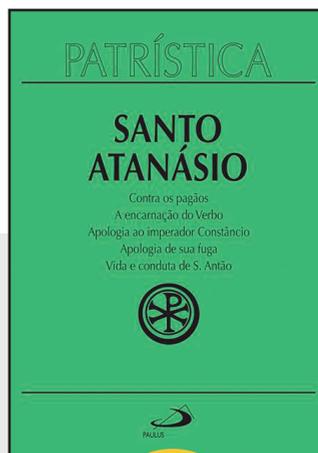
## CONCLUSÃO

Certamente, como buscamos mostrar nesta reflexão, a melhor forma de fazer memória do Bem-aventurado Tiago Alberione, neste ano em que celebramos o cinquentenário de sua partida para junto de Deus, é trazer para a atualidade seu pensamento e exemplo de vida, de modo particular suas intuições e sua contribuição para a evangelização no campo da comunicação.

## Patrística

Contra os pagãos | A encarnação do Verbo | Apologia ao imperador Constâncio | Apologia de sua fuga | Vida e conduta de S. Antão – Vol. 18

Santo Atanásio



376 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Esse volume da coleção Patrística dá a conhecer um dos mais ilustres padres e doutores da Igreja: Santo Atanásio. Neste volume são apresentadas cinco das suas obras. Contra os pagãos; A encarnação do Verbo (sua obra mais significativa, que sublinha, contra judeus e pagãos, a fraqueza humana e a iniciativa divina do Verbo); Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de Santo Antão.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

Segundo Pe. Alberione, não basta o púlpito tradicional para evangelizar, ainda que este seja carregado de significado e importância. Já na primeira metade do século XX, o fundador da Família Paulina estava convencido da necessidade de assumir a realidade da comunicação e dos recursos técnicos ligados a esse campo, ou seja, de utilizar os “púlpitos modernos”, ao lado da comunicação no templo; todavia, não como simples instrumentos de amplificação da mensagem, mas como forma concreta de “encarnar” o Evangelho na cultura atual, por intermédio das linguagens escrita, sonora e imagética.

Esse era o grande sonho de Pe. Alberione, o qual, por meio da Família Paulina, buscou concretizar. Um projeto que nasceu, porém, não do simples esforço pessoal. Como ele mesmo diria, tudo foi fruto – não obstante suas limitações – da comunhão com Deus, a qual o levou a caminhar com a Igreja e com a sociedade do seu tempo, a deixar-se iluminar pela Eucaristia, a “pensar e nutrir-se de cada frase do Evangelho, segundo o espírito de São Paulo” (AD 95).

Na sua relação com Jesus – o qual ensinou seus filhos e filhas espirituais a invocar como “Mestre, Caminho, Verdade e Vida” –, na devoção a Maria Rainha dos Apóstolos e na inspiração apostólica em São Paulo, ele encontrou luzes e fundamentos para sua santificação. De fato, sua beatificação, em 2003, por São João Paulo II, foi eloquente sinal do reconhecimento da Igreja de que é possível santificar-se, dedicando-se à evangelização no campo da comunicação moderna. Nesse sentido, o Bem-aventurado Tiago Alberione é um santo para nossos dias, uma referência de santidade, não somente para os membros da Família Paulina, mas também para todos os que acreditam na força transformadora da comunicação e se dedicam, na Igreja, a essa fascinante e desafiadora pastoral.

vp

## A FAMÍLIA PAULINA

Em 20 de agosto de 1914, o Bem-aventurado Tiago Alberione inicia a Família Paulina, com a fundação da Pia Sociedade de São Paulo (Padres e Irmãos Paulinos), seguida, em 1915, pela fundação da Pia Sociedade Filhas de São Paulo (Paulinas), ambas as congregações com a missão exclusiva de evangelizar na cultura da comunicação. Ao lado delas, surgem os primeiros Cooperadores Paulinos (1917). Em 1924, nascem as Pias Discípulas do Divino Mestre, para o apostolado eucarístico, sacerdotal e litúrgico. Em 1938, funda as Irmãs de Jesus Bom Pastor (Pastorinhas), destinadas ao apostolado pastoral nas paróquias, ao lado dos párocos. Com a fundação, em 1959, das Irmãs Apostolinas, dedicadas ao apostolado vocacional, completa-se a grande árvore da Família Paulina, do ponto de vista das congregações religiosas. Juntam-se ainda quatro institutos seculares: o Instituto Jesus Sacerdote, para o clero diocesano que deseja compartilhar mais estreitamente o ideal paulino, os Institutos São Gabriel Arcanjo (Gabrielinos) e Maria Santíssima Anunciada (Anunciatinas), para homens e mulheres que se consagram no mundo, e, por fim, o Instituto Santa Família, para casais que desejam viver os conselhos evangélicos no próprio estado de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERIONE, Giacomo. *Abundantes divitiae gratie suae: storia carismatica della Famiglia Paolina* (AD). Roma: San Paolo, 1998.

\_\_\_\_\_; COLACRAI, Angelo (Org.). *Vademecum: selezione di brani sulle linee qualificanti del suo carisma* (VM). Cinisello Balsamo: Edizioni Paoline, 1992.

BENTO XVI, Papa. *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital, 5 jun. 2011. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20110124\\_45th-world-communications-day.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

ESPOSITO, Rosario F. (Org.). *La primavera paolina: L'Unione Cooperatori Buona Stampa dal 1918 al 1927*. Roma: San Paolo, 1983.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo, 8 maio 2016. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20160124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário, 7 dez. 1990 (RM). Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. *Discorso ai partecipanti al Capitolo Generale della Pia Società San Paolo*, 28 jun. 1969. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1969/june/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19690628\\_societas-san-paolo.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1969/june/documents/hf_p-vi_spe_19690628_societas-san-paolo.html)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

## Advento e Natal

54 perguntas e respostas sobre o ciclo do Natal

Padre José Bortolini



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Neste livro, você encontrará as perguntas mais comuns acerca do ciclo do Advento e Natal, além de compreender seu significado e sua riqueza, podendo assim celebrá-lo com maior entusiasmo e fé.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

# Centenário do cardeal Arns, eminente comunicador

\*Fernando Altemeyer Junior é graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Teologia e Ciências da Religião pela Université Catholique de Louvain-La-Neuve, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e assistente doutor nessa universidade. E-mail: fajr@pucsp.br



*O artigo é uma homenagem a dom Paulo Evaristo Arns pelo seu centenário. Nascido em 14 de setembro de 1921 e falecido em 14 de dezembro de 2016, Paulo foi homem sábio, profeta da esperança, defensor da vida. Ele se tornou pastor dos pobres, tal qual Jesus e tal qual Francisco!*

## Introdução

A vida de dom Paulo Evaristo Arns foi marcada pela comunicação. Na noite escura da ditadura no Brasil, esse pastor do povo paulistano será a voz que clama firme diante do medo e da violência imposta pelos militares. Dom Paulo, por palavras, sermões e atos, oferece o mapa seguro da esperança, com voz serena. Nascido em 14 de setembro de 1921, na festa da Santa Cruz, falece no Hospital Santa Catarina, no coração da metrópole paulistana que tanto amou, em 14 de dezembro de 2016, festa de São João da Cruz. A cruz marca a hora do nascer e a hora do morrer. Cruz que liberta. Cruz que ilumina. Cruz que é sinal de contradição. Cruz que comunica a esperança paradoxal da vida que vence a morte. Dom Paulo comunica o que crê e vive o que fala. Foram 95 anos e três meses de vida ofertada a Deus.

Os valores que conduziam suas palavras brotavam do Evangelho de Jesus em chave ecumênica e aberta a cada pessoa humana.

Além do amor primordial à literatura, aos clássicos e às línguas clássicas e modernas, o cardeal Arns, membro da Ordem Franciscana desde 1939 e presbítero católico desde 1945, foi sempre dedicado à comunicação, à produção e difusão de boletins, à escrita e pesquisa literária e às publicações e presença nas mídias. Manteve isso quando bispo auxiliar, arcebispo e cardeal. Servir a Cristo, reconhecido no rosto dos pobres reunidos em torno da Palavra e da Eucaristia, será a razão do seu viver “paulino”. Dom Paulo se torna pastor por amor, proximidade e ação colegial. Aprende isto do próprio coração de Jesus: reunir em torno de si pessoas entusiasmadas; não cansar os ouvintes; comunicar o segredo alvissareiro; conquistar a atenção de cada pessoa; fazer-se entender; não dar respostas prontas, mas fazer perguntas inteligentes; ser avesso ao fundamentalismo religioso; dar amplo espaço para pensar e crer nos jovens e nas mulheres, sem impor; ser

direto e objetivo; tratar a todos com respeito e retidão; ser bem-humorado e sagaz; ver a realidade, emocionar, crer na força histórica dos pobres; ser movido pelo amor e pela justiça; preocupar-se com aquele ou aquela que o questiona e interpela; ouvir o interlocutor e descobrir sua verdade; e, sobretudo, suscitar consciência crítica, chamando a todos de amigos e empurrando-os com a frase final dos encontros com ele: “Coragem, vamos em frente!” Esse era seu modo de viver a vida diante de Deus e dos irmãos como pessoa íntegra, plena e articulada.

Frei Crisóstomo, ofm, indicará o jovem frade para aprimorar-se, na França, no estudo dos Padres da Igreja. Paulo virá a se tornar, assim, um dos primeiros patrólogos brasileiros, sabendo unir o amor aos clássicos à refinada sintonia com o povo mais simples das favelas e cortiços, e mesmo com os irmãos de rua. Entende a arte de comunicar como tarefa primordial do cristão que se faz testemunha fiel do Evangelho de Cristo. Seu período de cinco anos de pós-graduação na Sorbonne, de 1947 a 1952, em pleno pós-guerra, o fará ouvir atentamente os melhores pensadores da época, conhecendo a perspectiva inovadora da *Nouvelle Théologie* (Nova Teologia), de eminentes figuras como Jean Daniélou, Henri de Lubac e Yves-Marie Congar, e de pensadores como François Mauriac, Paul Claudel, Jean-Paul Sartre e, sobretudo, Emmanuel Mounier.

Ao voltar ao Brasil, torna-se professor em Petrópolis-RJ e Agudos-SP, até ser sagrado bispo auxiliar da cidade de São Paulo, em 3 de julho de 1966, exatos sete meses do término do Vaticano II. Será nomeado, por ordem explícita do papa Paulo VI, o quinto arcebispo metropolitano, em 1º de novembro de 1970, e elevado a cardeal em 5 de março de 1973. Exerce o cargo de arcebispo paulistano durante 27 anos, até sua renúncia, em 1998, sendo sucedido por dom frei Cláudio Hummes e, posteriormente, pelo cardeal Odilo Pedro Scherer.

“Dom Paulo, por palavras, sermões e atos,  
oferece o mapa seguro da esperança,  
com voz serena.”

Ele será figura central da Igreja brasileira durante o período de 1964 a 1985, na ditadura civil-empresarial-militar, destacando-se pela firme defesa dos direitos humanos, sempre sintonizado com os ditames do documento *Gaudium et Spes* e do texto da Conferência Geral de Puebla, na qual teve participação exemplar, ao lado de dom Romero e dom Luciano Mendes de Almeida. Dom Paulo escreve, em 7 de março de 1981:

Ser cristão é fazer o que Cristo fez: pregar a vida. Combater as doenças e suas causas. Nas pessoas e nas estruturas. Afinal, restituir a grande esperança do povo, repetindo com a Bíblia: onde o mal cria condições de exploração, Deus suscita forças de libertação integral (ARNS, 2006, p. 65).

Dom Paulo, tão logo nomeado bispo auxiliar do cardeal Agnelo Rossi em 1966, para servir na região norte (Santana), também passou a acumular a função de bispo referencial para os meios de comunicação, propondo ao arcebispo e cardeal a organização de uma sétima linha de pastoral, aos seus cuidados entre 1966 e 1970: a linha da Opinião Pública. Dom Paulo a assume como desafio evangelizador de primeira grandeza (ARNS, 1972, p. 118-123). Tal perspectiva teria bebido das intuições de dom Helder? Certamente era preocupação conectada ao que vinha sendo discutido por grupos emergentes na América Latina, como a Ação Católica especializada e intelectuais cristãos presentes nos ambientes públicos, universitários e na mídia. Dom Paulo abre caminho novo na relação da Igreja com as

mídias e o jornalismo. Exemplo disso foi a introdução da arquidiocese de São Paulo na rede mundial de computadores, ao convidar o eminente professor Dr. Fernando Fonseca, da USP, para desenvolver o *site* inaugural da arquidiocese. Estava sempre antenado com as inovações tecnológicas, com os ambientes virtuais e, sobretudo, com o clamor do povo.

Dom Paulo acreditava que cada um dos 2 mil centros comunitários era um sinal sacramental do Cristo no Planalto Paulista, enlaçado pela serra da Mantiqueira e pela serra do Mar, e aberto para os Vales do Ribeira e do Paraíba. Fazer comunidades, acreditar nas comunidades e governar a Igreja de forma colegiada foram marcas exemplares de quem confiava na palavra das irmãs e dos irmãos em Cristo. Gostava de estar no meio do povo, sentia-se amado e ouvia atentamente cada pessoa.

De maneira independente e constante, o cardeal valorizou a participação dos leigos na vida política, sindical e associativa, em agrupamentos sociais a favor da cidadania e de uma comunicação livre e libertadora. Entre os 51 livros de sua autoria, três manifestam o núcleo do seu pensamento humanista: *I poveri e la pace prima di tutto* (Roma: Borla, 1987); *Von Hoffnung zu Hoffnung. Vortrage, Gespräche, Dokumente* (Düsseldorf: Patmos Verlag, 1988); *Conversa com São Francisco* (São Paulo: Paulinas, 2004).

## 1. Dom Paulo, jornalista profissional

O cardeal sempre se orgulhava ao mostrar sua carteira profissional e o registro de jornalista da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Os encontros com os jornalistas, mediados inicialmente pelo bispo dominicano frei Neves, na igreja de Nossa Senhora da

Consolação, depois por irmãs paulinas e, por fim, pelo monsenhor Arnaldo Beltrami, sempre eram marcados por imensa fraternidade e expectativa. Os jornalistas sabiam que estar com dom Paulo renderia sempre uma notícia de capa no jornal. Assim, profissionais como Ricardo Kotscho, Ricardo Carvalho, Roldão Arruda, José Mayrink, Débora Crivellaro e Chico Pinheiro se sentiam à vontade para perguntar, sabendo que seriam ouvidos e teriam uma resposta corajosa, sem firulas nem linguagem hermética. Dom Paulo já oferecia o olho e o *lead* da matéria. Dom Paulo já vinha pautado! Ricardo Carvalho diz sobre o cardeal corintiano: “Passei a acompanhar muito de longe a vida eclesíastica até que, como repórter da *Folha de S. Paulo*, a partir de 1976, fui designado para cobrir a Cúria Metropolitana, com dom Paulo Evaristo Arns no comando. Uma convivência que mudou a minha vida” (CORAGEM, 2017).

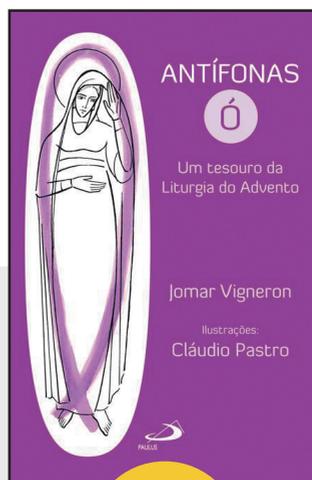
Em 1973, os militares lacraram a Rádio 9 de Julho, que desde 1954 – ano das comemorações do quarto centenário da cidade de São Paulo – operava ininterruptamente, transmitindo por ondas curtas e médias para todo o planeta. Durante seis tenebrosos anos, até 1979, a Igreja e seu cardeal serão emudecidos pelos ditadores de plantão nos governos autoritários dos generais Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo. Os transmissores foram lacrados, em 1973, sob a alegação de que a concessão estava premissa. Em 1985, a Fundação Metropolitana teve negado o pedido de devolução de frequência. Só em 1996 o governo federal devolveu a rádio à Fundação Paulista, na frequência de 1600 kHz. Em 1999, a rádio volta ao ar em caráter experimental, depois de 25 anos sem transmitir.

Por graça divina, intermediada pela iniciativa dos Paulinos, a partir de 1979 o cardeal passa a ter espaço na Rádio América (na época, 1410 Khz AM). Os Padres e Irmãos Paulinos haviam assumido a administração da

## Antífonas Ó

Um tesouro da liturgia do Advento

Jomar Vignerón



80 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

As Antífonas Ó e os Versículos Aleluiáticos formam um díptico que se completam vantajosamente. O Mistério Natalino e o Mistério Pascal abraçam nossa filiação divina. O livro conta com ilustrações e é considerado um tesouro da Liturgia do Advento.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

rádio em 1967, com sede na Rua Dr. Pinto Ferraz, na Vila Mariana. Em 1980, por mediação do radialista Francisco Paes de Barros, o cardeal inicia promissor programa radiofônico de meditações, que permanece até os anos 1990 na Rádio Record. Depois, ainda, haverá uma presença especial nas Rádios Globo e CBN. Isso exigirá um estúdio radiofônico na residência arquiépiscopal, com o suporte de religiosas da Congregação das Irmãs Paulinas e apoio técnico e profissional do frade dominicano Sérgio Calixto Valverde.

Nos encontros com os padres novos, dom Paulo sempre formulava sua intuição como comunicador e pedia que cada padre “falasse com a cidade”, reservando ao menos um dia da semana para estar em ambiente urbano, sem ficar preso ou restrito à paróquia. Que a paróquia fosse sua base e que o mundo urbano fosse o horizonte. Que pudesse habilitar-se para o pequeno e para o urbano. Para falar aos pobres e para estar com os cientistas. Conversar com jornalistas e com o Conselho Regional de Medicina. Saber ouvir o povo e saber dizer algo sobre bioética. Padre e leigos com pés fincados em um povo concreto, situados em um setor urbano contextualizado, que soubessem, porém, pensar globalmente. Isso poderia ser mediante ações pastorais amplas, estando em rádios, televisões, teatro, cinema ou presentes no mundo das artes. Cada padre gastasse tempo com os comunicadores, com sindicalistas, com gente das associações profissionais, com artistas, com a universidade, os universitários e, sobretudo, os cientistas. Falar para o todo, sabendo-se parte. Algo hoje chamado de “hologramático” por Edgar Morin (a parte está no todo

e o todo está na parte). Dom Paulo sempre abrindo e esticando horizontes. Saindo do local e do particular, sem perder a conexão com o mundo imenso das periferias, com seu olhar telescópico. Nos encontros com seus padres, ele dizia: “A cidade é nova cada dia, e precisamos ouvir seus clamores e atender suas necessidades. A cidade é viva. A cidade é também um sujeito de interlocução dos agentes de pastoral. São Paulo tem alma e espera nossa palavra de esperança”.

A disposição para falar com os comunicadores, estar a serviço dos comunicadores, o levará finalmente a criar, em 1991, um Vicariato Episcopal da Comunicação, articulado de maneira profissional por monsenhor Arnaldo Beltrami.

## 2. Os dons do cardeal franciscano

Grão-chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o cardeal Arns acolherá professores que o regime militar tinha aposentado, perseguido ou censurado, como Florestan Fernandes, Octávio Ianni e Paulo Freire, entre tantos. Dom Paulo aplica concretamente cada palavra e intuição luminosa dos documentos conciliares *Dignitatis Humanae*, *Nostra Aetate*, *Dei Verbum* e *Ad Gentes*.

Patrocinou a edição do *best-seller Brasil, nunca mais*, que retrata os porões da ditadura e os sofrimentos vividos por centenas de brasileiros torturados clandestinamente pelos militares no país. Graças a essa obra, não se perdeu a memória da ignomínia praticada contra a pessoa humana nestas terras. Apesar da censura, dom Paulo falou pelas rádios comunitárias, por folhetos alternativos, pelo

*“Dom Paulo sempre abrindo e esticando horizontes. Saindo do local e do particular, sem perder a conexão com o mundo imenso das periferias, com seu olhar telescópico.”*

jornal arquidiocesano *O São Paulo*, como caixa de ressonância das centenas de comunidades eclesiais de base.

A teologia que sustenta seu pensamento é libertadora, compassiva e franciscana. Dom Paulo articula sua teologia com o humanismo cristão que bebe nas fontes dos Evangelhos, passa pela Patrística e assume as decisões do Concílio Vaticano II.

Por questão de justiça, registro a ação reformadora do cardeal, ao constituir um colégio de bispos auxiliares em uma Igreja sinodal e participativa. Dessa seleção de ouro fizeram parte: Benedito de Ulhôa Vieira (bispo auxiliar de 29/11/1971 a 14/7/1978); Joel Ivo Catapan, svd (bispo auxiliar de 11/12/1974 a 1/5/1999); Luciano Pedro Mendes de Almeida, sj (bispo auxiliar de 25/2/1976 a 6/4/1988); Alfredo Ernest Novak, cssr (bispo auxiliar de 19/4/1979 a 15/3/1989); Décio Pereira (bispo auxiliar de 2/4/1979 a 21/5/1997); José Thurler (bispo auxiliar de 1966 até 23/4/1992); Francisco Manuel Vieira (bispo auxiliar de 12/12/1974 a 15/3/1989). E os eméritos: Antônio Gaspar (bispo auxiliar de 6/12/1982 a 20/12/2000); Mauro Morelli (bispo auxiliar de 12/12/1974 a 25/5/1981); Fernando José Penteado (bispo auxiliar de 2/4/1979 a 5/7/2000); Antônio Celso Queiroz (bispo auxiliar de 10/10/1975 a 9/2/2000); Angélico Sândalo Bernardino (bispo auxiliar de 12/12/1974 a 19/4/2000). Cada um deles coordenava uma parte geográfica específica da cidade e, simultaneamente, exercia uma ação pública coletiva, tocando os nervos da cidade. Assim, por exemplo, dom Angélico cuidava da região episcopal São Miguel e era o bispo responsável pela pastoral operária; dom Luciano era o bispo da região episcopal Belém e da pastoral do menor; dom Fernando atuava na região sul, com os movimentos sociais e de moradia; a dom Décio cabia o centro da cidade e as universidades. Uma geografia, um povo e uma linha transversal tocando a cidade. Sempre

## CD – A Palavra se fez carne

Refrões orantes para o Advento e Natal

Deivid Tavares



20 faixas

Imagens meramente ilustrativas.

A Palavra se fez carne! Essa é a nossa expectativa ao celebrarmos o Advento e o Natal do Senhor que vem, e vem para nos salvar! A PAULUS tem a alegria de apresentar o primeiro CD de refrões orantes específico para o Advento e Natal, como mais uma proposta de vivência e participação destes tempos litúrgicos. A obra, idealizada pelo religioso Deivid Tavares, da Congregação dos Padres e Irmãos Paulinos, e interpretada pelo Coral Nossa Senhora Aparecida, da cidade de Apucarana-PR, é um excelente trabalho para as comunidades do nosso Brasil.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

articulados, mediante as reuniões frequentes na casa do cardeal, e empenhados na proclamação do Evangelho no mundo urbano, em torno de prioridades assumidas por um plano de pastoral em que os leigos tinham voz e vez. Dom Paulo, como teólogo qualificado da Patrística antiga, sabia que

o cristianismo descansa suas estruturas sobre o germe original do carisma do Cristo vivo. Esse carisma é original no sentido de começo primordial de onde tudo nasceu e no sentido de origem permanente que referencia tudo o que se constrói sobre sua base. De tempos em tempos, o carisma acorda e se eleva como força renovadora, subvertendo a rotina em pleno funcionamento e a competência burocrática incorporada pelas instituições (PASSOS, 2018, p. 198).

### 3. Dom Paulo e o jornalista judeu martirizado

Houve um divisor de águas na vida do cardeal. Tal qual novo João Batista, dom Paulo, dentro da catedral da Sé, fará a memória perigosa de um judeu assassinado pela ditadura, clamando ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó: “Ninguém toca impunemente no homem, que nasceu do coração de Deus para ser fonte de amor” (SYDOW; FERRI, 2017, p. 225). Estiveram unidos ao cardeal Arns seu “padrinho espiritual e tio”, dom Helder Pessoa Câmara, um “bispo auxiliar” e pastor presbiteriano, reverendo Jaime Nelson Wright, e um “irmão mais velho”, o rabino Henri Israel Sobel. Foi dia de macroecumenismo e diálogo inter-religioso. Foi dia do Evangelho mais puro e universal. O dia em que os assassinos e torturadores se calam. O dia em que a ditadura militar, que agia impunemente desde 31 de março de 1964, foi ferida de morte, para que o Brasil pudesse viver livre e democraticamente.

É necessário recordar o bilhete escrito por frei Tito de Alencar Lima, em maio de 1973, ao cardeal Arns:

*“Compreender a metrópole cosmopolita como verdadeiro cadinho de culturas e raças, situado entre o temor e a esperança.”*



Aproveito a ocasião para desejar-vos feliz Páscoa. Confio enormemente no senhor, crede-me; confio, sobretudo, na vossa alma franciscana. Descobrimos, na prática, o que é evangelizar no Brasil de hoje. A Igreja que se purifica na perseguição, sobretudo quando quer viver, integralmente, os valores evangélicos: a paz, a verdade, a justiça, a fraternidade e o amor entre os homens (ARNS, 2001, p. 306).

#### 4. Aprendendo com o cardeal

Falar com a cidade e evitar ficar preso aos muros da igreja. A Pascom e as assessorias de imprensa das dioceses, congregações e entidades religiosas precisam falar com todas as pessoas da cidade. Articular uma linguagem inclusiva para falar direto aos corações e às mentes.

Estar a serviço dos jornalistas de todos os meios de comunicação. Compreender as perguntas que os de fora fazem aos de dentro. A Pascom é uma diaconia da Igreja a serviço das/os jornalistas, não um clube de católicos.

Estudar os grandes jornais, rádios, redes de tevê e mídias para saber qual é o assunto do dia (gancho – *lead*) e, assim, “estar com a faca e o queijo nas mãos”. Sintonizar com os sinais dos tempos, para não falar sozinho ou apresentar matérias que não interessam, porque obsoletas ou esotéricas. Enfrentar as questões polêmicas com muito estudo, sabedoria e sagacidade evangélica. Nunca fugir das questões e evitar as armadilhas dos fundamentalismos e da cegueira moral.

Sintonizar com o papa Francisco, que pede aos comunicadores cristãos que gastem as solas dos sapatos para ouvirem e serem ouvidos. Ser capaz de subir aos telhados e simultaneamente descer aos porões da humanidade. Ser palavra inteligente e lúcida em tempos de opressão, ódio e mentiras. Falar a verdade com leveza, profundidade e serenidade; sobretudo, com inteligência. Ficar ao lado

dos empobrecidos e da justiça social. Ser um nó na rede mundial das comunicações.

Falar pela rádio com emoção e falar pela televisão de forma clara e alegre.

Compreender a metrópole cosmopolita como verdadeiro cadinho de culturas e raças, situado entre o temor e a esperança. Temor da violência e da droga que mata a juventude e as crianças; esperança em seu trabalho e organização social, particularmente dos migrantes, dos refugiados e das mulheres. São Paulo vive sempre entre a riqueza cultural de uma das maiores produtoras de arte e de espetáculos do Brasil e a miséria da maioria de seu povo, que não pode jamais, na vida, assistir sequer a uma peça de teatro ou a uma apresentação de orquestra sinfônica, por absoluta falta de dinheiro para sobreviver.

Recordamos aqui o centenário do nascimento do nosso amado cardeal Paulo Arns, alegres com a vida plena que recebeu de Deus Pai criador. No fiel seguimento de Jesus, ele se tornou pastor dos pobres, tal qual Francisco! Fez a viagem derradeira ao Criador com alegria e paz interior. **vp**

#### Referências bibliográficas

ARNS, Paulo Evaristo. *Comunidade: união e ação*. São Paulo: Paulus, 1972.

\_\_\_\_\_. *Da esperança à utopia: testemunho de uma vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

\_\_\_\_\_. *Estrelas na noite escura: pensamentos*, São Paulo: Paulinas, 2006.

CORAGEM: as muitas vidas do cardeal dom Paulo Evaristo Arns. Documentário. Produção de Ricardo Carvalho. São Paulo: Verbo Filmes, 2017.

PASSOS, João Décio. *As reformas da Igreja católica: posturas e processos de uma mudança em curso*. Petrópolis: Vozes, 2018.

SYDOW, Evanize; FERRI, Marilda. *Dom Paulo: um homem amado e perseguido*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

Vinícius Augusto Teixeira, cm\*

# Despedir-nos dos que partem



\*Pe. Vinícius Augusto Teixeira atualmente trabalha na coordenação de um projeto internacional de formação permanente levado a cabo pela cúria geral da Congregação da Missão, à qual pertence. O presente artigo reúne reminiscências de leituras do autor, e sua finalidade é eminentemente pastoral. *E-mail:* [viniciusaugustocm@gmail.com](mailto:viniciusaugustocm@gmail.com)

*Neste tempo tão desolador de pandemia, agravado pela espiral da indiferença, a realidade da morte se tornou absurdamente recorrente, com todos os seus impactos psicológicos, sociais e religiosos, sobretudo para os que se despedem de seus entes queridos. Como cristãos, precisamos refletir sobre as implicações existenciais do tema e projetar sobre ele a luz da fé pascal que professamos.*

## Introdução

O assombroso prolongamento da pandemia da Covid-19, com suas cifras estarrecedoras de infectados e mortos, não nos pode conduzir à *banalização da calamidade* e muito menos à *indiferença ante o sofrimento* de muitos, tanto dos que têm aligeirados seus dias – não raro de maneira completamente imprevista e às vezes em meio à solidão e à agonia – quanto daqueles que são obrigados a dizer adeus a seus entes queridos sem o consolo de uma última homenagem, privados da companhia e do abraço dos amigos. Há bem mais de um ano, um manto de desolação vem recobrando a humanidade. No Brasil, como se não bastasse a virulência do parasita destruidor, a população se vê impiedosamente agredida por um governo dominado por pavorosa pulsão de morte, que se traduz na mais abjeta insensibilidade em face de milhares de pessoas vitimadas pelo coronavírus. Em junho de 2021, chegamos à marca de mais de 500 mil mortos, e houve momentos em que chegamos a atingir a marca de mais de 4 mil falecimentos em um só dia.

Nesse contexto (e em outros também), a compaixão, a comoção e a indignação se estreitam ainda mais fortemente quando a dura realidade da morte assume o rosto e o nome de alguém que conhecemos e amamos, de uma pessoa que faz parte de nossa história ou, em algum momento, caminhou ao nosso lado. Do ponto de vista afetivo, isso conta enormemente. No capítulo 24 de *O pequeno príncipe*, deparamos com aquele

comovente diálogo do protagonista com a raposa. A certa altura, esta lhe diz: “Se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra. O teu me chamará para fora da toca, como se fosse música”. Talvez possamos dizer algo parecido de alguém que nos tenha cativado: como um sol radioso e ameno em dias primaveris, sua presença nos iluminou, seus passos se fizeram únicos e irrepetíveis, sua proximidade despertou o que há de melhor em nós e sua voz ressoou em nosso silêncio como suave melodia. Foi o que experimentaram os discípulos da primeira hora na convivência com Jesus de Nazaré, legando-nos depois este sucinto e eloquente testemunho a respeito de quem os havia cativado: “Ele passou entre nós fazendo o bem” (At 10,38). Guardadas as devidas proporções, é o que podemos dizer daqueles que deixaram rastros de gratidão nas veredas de nosso coração e cujos rostos trazemos gravados no tesouro de nossas mais caras lembranças: *Passaram entre nós fazendo o bem. E ficaram em nós pelo bem que fizeram.*

Como em anos anteriores, sobretudo no desempenho do ministério paroquial, também agora, neste tempo sombrio que a pandemia nos impôs, tenho a oportunidade de acompanhar, ainda que a distância, várias pessoas e famílias que se despedem de seus entes queridos. Recentemente, pediram-me que transformasse em texto algo do que

**“A realidade da morte é sempre desconcertante. Lança-nos, sem mais, na esfera do desconhecido, daquilo de que não temos experiência.”**

expus em uma *live* sobre temas de *escatologia cristã* (disciplina teológica que se debruça sobre as realidades relacionadas com o desenlace final da vida). É o que tento fazer aqui, muito sucintamente, no intuito de ajudar os que desejam e precisam recobrar a serenidade de ânimo depois da dura prova da morte daqueles que lhes eram próximos. Neste momento de tantas incertezas e perplexidades, refletir sobre a morte – penetrando na penumbra do mistério que a envolve, até vislumbrar a luz que se acha em seu fundo – pode representar uma experiência de redescoberta do sentido último da vida, em sua dupla acepção de significado e direção.

O artigo recolhe, nos dois primeiros pontos, experiências humanas que podem ser comuns a todas as pessoas, independentemente de sua pertença religiosa. O terceiro ponto, em estrita fidelidade à fé cristã, discorre sobre a esperança que acalenta, ilumina e move os seguidores de Jesus Cristo, aquela que brota de sua ressurreição e se chama vida eterna.

### **1. O luto: assumir para redimir**

A realidade da morte é sempre desconcertante. Lança-nos, sem mais, na esfera do desconhecido, daquilo de que não temos experiência. Faz-nos amargar a dor da separação física. Impõe-nos a irremissível impossibilidade de ver e tocar aqueles que partiram de nosso convívio, depois de terem “feito a escalada da vida removendo pedras e plantando flores” (Cora Coralina). Por tudo isso, não podemos negar, nem sequer minimizar, quanto nos dilacera interiormente a despedida das pessoas às quais nos sentimos vinculados pelos laços de uma afinidade

sincera, de um companheirismo leal, de uma admiração profunda, de um amor visceral. Não é fácil ver o ciclo da vida chegar ao seu termo, ainda mais quando isso se dá de forma prematura, abrupta ou dentro de circunstâncias particularmente dramáticas ou violentas. Daí decorre a necessidade de *viver o luto*, porque *o que não é assumido não pode ser redimido*, assim como *o que não é aceito não pode ser transformado*. Isso implica reconhecer e assimilar, sem subterfúgios, a privação que a morte nos impõe e a dor de que ela é portadora. Trata-se de encarar a face sombria da morte, para só depois vê-la transfigurada sob nova luz. Como declarou, certa vez, a poetisa Adélia Prado, ante a partida de seu irmão: “Somos humanos. Precisamos de um tempo até que o luto possa mudar em claro dia sua cor de crepúsculo”.

Os mais abalizados psicólogos que estudam o *processo de integração do luto* costumam distinguir algumas de suas fases: a) a *aceitação da perda*, cujo oposto seria a negação ou a recusa da realidade tal como ela é; b) a *superção da dor*, de tal modo que o luto não venha a manifestar-se em sensações e atitudes mais ou menos prolongadas de melancolia, carência, ansiedade, culpa, ira, insegurança etc.; c) a *adaptação à ausência*, com todas as suas implicações psíquicas, afetivas, físicas, práticas etc.; d) o *retorno à normalidade*, em seus diferentes aspectos: social, relacional, religioso, laboral, lúdico etc. Vencido o primeiro impacto e experimentado o desconforto proveniente da separação, a pessoa enlutada se vê desafiada a reconstruir-se em tudo o que constitui sua humanidade, o que, por sua vez, demanda criatividade e iniciativa. É certo que a cada pessoa corresponde um tempo para dar conta desse itinerário gradual de aceitação, superação, adaptação e retorno. Por um lado, há que cuidar para não prolongá-lo indefinidamente, eximindo-se dos esforços requeridos, encerrando-se no isolamento e impondo-se uma sobrecarga

emocional intolerável, sob pena de resvalar para um infundável e mórbido *luto patológico*; por outro, a *ausência de luto* pode ser indicadora de uma psicopatologia. De fato, não raramente, um luto reprimido desencadeia frustrações, angústias, remorsos e outras reações adversas.

Embora existam distintas formas de expressar os sentimentos mais pungentes, é certo que uma lágrima de saudade vale mais do que uma gélida e artificial firmeza. Assumir equilibradamente a própria fragilidade é um ato de nobreza. De resto, como ouvi, certa vez, na Espanha: “El corazón llora por donde ama”. Se amamos, não podemos deixar de sentir o adeus de quem se despediu de nosso convívio. Importa, pois, viver o luto sábia e pacientemente.

## 2. A memória do amor: gratidão e perdão

O passo seguinte é o da *memória do amor*, aquela que brota da profundidade oceânica do coração humano, também quando traspassado pela dor. O coração, quando devidamente cultivado, deixa desabrochar o que contém de mais nobre. No-lo recordou São Vicente de Paulo: “Assim como a pedra tende para baixo e o fogo para cima, o coração tende sempre para o amor como para seu centro” (XII, n. 390). A morte de um ente querido costuma remeter-nos, misteriosamente, ao âmago do coração que é o amor. Quantas poesias primorosas, quantas preces ardentes, quantos gestos magnânimos nascem de um coração ferido pelo luto e cauterizado pela memória do amor? Essa memória tem, pois, duas faces: a gratidão e o perdão.

A face *mais atraente* é a da gratidão. Trata-se de deixar passar pelo coração tudo o que representa para nós aquele que se foi, recordando agradecidos o que de bom e de belo essa pessoa nos transmitiu, as atitudes que emolduraram sua existência, os valores que comunicou, as ações que empreendeu, o bem que realizou, o amor que a impulsionou, a largueza de sua entrega, os sacrifícios

escondidos de que foi capaz, as sementes que lançou, regando-as às vezes com suor e lágrimas, e os frutos que abnegadamente compartiu. O poeta Virgílio já o tinha sentenciado: “Enquanto o rio correr, os montes fizerem sombra e houver estrelas no céu, deve durar a memória do benefício recebido”. A face *mais exigente* é a do perdão. Frequentemente, a memória do amor solicita a coragem de relevar os deslizos e tropeços daquele que partiu, liberando a força pacificadora do perdão. E o motivo não é dar descanso a quem se foi, mas sim religar as fissuras que dilaceraram o coração de quem ficou, de modo a viver reconciliado com sua própria história.

Em virtude de tudo isso, o exercício da gratidão e do perdão reveste a nudez da saudade com o manto de uma serenidade que só se deixa conhecer lentamente e é fruto do amor. Que o diga a poetisa latino-americana, do abismo de sua conturbada trajetória pessoal: “De par en par la ventana se abrió como por encanto. Entró el amor con su manto, como una tibia mañana. Al son de su bella diana, hizo brotar el jazmín. Volando cual serafín, al cielo le puso aretes. Y mis años en diecisiete (ano de nascimento de Mercedes Sosa), los convirtió el querubín”. Assim, a *serena saudade*, que nasce e se nutre do amor agradecido e reconciliado, torna-se o *lugar do reencontro*, dando-nos a medida do valor da pessoa amada e cingindo de paz sua lembrança. Essa é a razão pela qual a ninguém é dado “matar a saudade”.

## 3. O salto da fé: esperança e entrega

Tendo palmilhado a inglória travessia do luto, osculados pela memória do amor, confortados pela aragem da gratidão e tocados pela decidida intenção de perdoar, falta-nos ainda dar um passo a mais, um passo que responda à apetência de infinito, ao impulso de transcendência e à sede de sentido que habitam o ser humano e o mobilizam sem

cessar. O que aqui apresentamos como terceiro momento pode ser também o primeiro, conforme a experiência de cada pessoa. Trata-se, pois, do *salto da fé*. Com efeito, embora a crueza da morte seja igual para todos, no mais íntimo de quem crê reverbera aquela convicção que lhe imprime a revelação cristã: a vida não se encaminha para o vazio do absurdo, para a ilusão do nada. Não somos andarilhos sem rumo, navegantes sem porto, forasteiros sem pátria. Há um lugar no qual somos esperados e para o qual caminhamos. Há um regaço hospitaleiro no qual poderemos enfim descansar, como repousa tranquila a criança amamentada nos braços de sua mãe (cf. Sl 131,2). Era essa a certeza que levava Francisco de Assis – debilitado pela enfermidade, mas dotado de impressionante jovialidade interior – a louvar o “onipotente e bom Senhor” pela “irmã morte corporal”. Não se trata de mero sentimento subjetivo, mas sim de experiência radical, nascida da adesão a uma verdade comunicada por Jesus Cristo e sintetizada em nossa comum profissão de fé: *cremos na ressurreição e na vida eterna*.

No mistério de sua páscoa, o Filho de Deus abriu para nós as portas da vida em plenitude (cf. Lc 23,43). Revelou-nos, assim, a meta derradeira de todo ser humano e o destino da criação inteira. Nele, “autor e consumidor de nossa fé” (Hb 12,2), brilhou para nós a esperança da feliz ressurreição. Por isso, aos que a realidade da morte entristece, a promessa da eternidade consola. Não é à toa que o cristão pode perguntar, quase em

tom de desafio: “Onde está, ó morte, tua vitória?” (1Cor 15,55). Anima-nos, de verdade, a “doce esperança” de que seremos acolhidos na incomensurável ternura do abraço do Pai e introduzidos na comunhão definitiva com todos aqueles que passaram pelo mundo fazendo o bem. Mesmo não tendo experiência sensível do que seja a vida além da morte, damos o total assentimento de nossa fé àquela promessa de eternidade com que o Senhor se despede de seus discípulos na ceia que precedeu sua entrega total na cruz:

Não se perturbe vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar, e quando eu for e vos tiver preparado o lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também (Jo 14,1-3).

Para quem crê, não pode haver promessa mais reconfortadora e certeza mais tonificante: estaremos com o Senhor, no lugar que ele nos preparou. E, porque cremos na ressurreição e na vida eterna, intuímos com o apóstolo: “Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu o que Deus preparou para os que o amam” (1Cor 2,9). Nosso destino tem endereço certo, o perene convívio com o Deus Trindade: o Pai que nos criou, o Filho que nos salvou e o Espírito que nos santifica. E só a recusa contumaz de nossa liberdade pode impedir-nos o acesso à dádiva oferecida.

Pela força invencível do amor de Cristo, estamos em comunhão de fé e caridade com aqueles que nos precederam na eternidade, embora sem a menor possibilidade de contato direto com eles. No recato da oração, entregamos nossos falecidos à misericórdia do Senhor, esperando firmemente que ele os purifique e lhes conceda a felicidade sem fim e a fecundidade imorredoura dos que

**“O exercício da gratidão e do perdão reveste a nudez da saudade com o manto de uma serenidade que só se deixa conhecer lentamente e é fruto do amor.”**



habitam sua casa. E isso ainda que a ruptura da morte tenha se efetuado em condições e circunstâncias imprevistas (pensemos, por exemplo, em tantas pessoas que têm a existência ceifada acidentalmente ou por motivo de uma tragédia). Ademais, porque cremos na ressurreição, evitamos os discursos vagos e híbridos que levam a dizer a respeito de quem partiu: “esteja ele onde estiver...”. Para nós, a definitiva esperança tem nome: vida eterna junto de Deus, plenitude de seu amor; graça imerecida, é verdade, mas ansiada e acolhida com humilde gratidão e contrita confiança.

Vale recordar que, ao referir-nos à *alma* de nossos defuntos, estamos nos referindo à sua pessoa, ou seja, àquela identidade profunda do ser humano, àquilo que ele tem de mais significativo e substancial, à totalidade de seu ser destinado à eternidade. Não será demais lembrar também que a fé na vida eterna não elimina o luto, mas o ilumina a partir de dentro. Emblemática, nesse sentido, é a reação espontânea de Marta ao encontrar-se com Jesus, dias depois da morte de Lázaro, amigo fiel por quem o próprio Jesus chorou (cf. Jo 11,35). Disse-lhe, então, Marta: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11,21). É o clamor dolorido do coração enlutado que se rebela em face da morte. Contudo, vem, em seguida, o salto da fé: “Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá” (Jo 11,22). E a resposta do Mestre e Amigo não defrauda a esperança dos que nele se apoiam: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá” (Jo 11,25). Viver para sempre com o Senhor, atravessar o umbral da morte, entrando, enfim, na plena posse da vida eternizada pelo amor: eis, pois, o que nos está reservado, eis a promessa que nos consola e a esperança que nos robustece.

Certa vez, estando para iniciar as exéquias de um paroquiano muito estimado, cuja morte havia causado grande consternação em todos nós,

ouvi de sua viúva uma maravilhosa profissão de fé na ressurreição, que logo me pareceu uma paráfrase daquelas palavras que Marta, irmã de Lázaro, dirigiu a Jesus no relato evangélico. Sem renunciar às suas lágrimas, disse-me, então, dona Laene: “A dor é grande. Será muito difícil viver sem Toninho. Mas sei que ele está com Deus e que Deus está conosco”. Na singeleza dessas palavras, a perfeita síntese da fé que nos revigora: o Senhor acolhe aqueles de quem nos despedimos e sustenta os que ainda estamos a caminho. Com efeito, vencemos a morte ao assumi-la como o ato mais decisivo de nossa peregrinação terrena. Se esta consiste em caminhar para a plena comunhão com Cristo, cren-do no Deus que se revela, esperando no que Deus nos prometeu e amando o Deus que nos ama, a morte será, então, nosso sim definitivo, o mais belo ato de fé, esperança e amor.

\*\*\*

Crer na vida eterna nada tem que ver com alienação. Ao contrário, acorda-nos para o valor e a beleza da vida que levamos aqui e agora, sem deixar-nos esquecer que há uma vida qualitativamente superior a esta, aquela que nos permitirá “estar para sempre com o Senhor” (1Ts 4,17). Como escreveu Rubem Alves, no crepúsculo de seus dias: “A morte nunca fala sobre si mesma. Ela só fala sobre a vida. Basta pensar nela para que a gente ouça sua voz silenciosa, perguntando-nos: ‘E sua vida como vai? O que você está fazendo com o tempo que lhe resta?’” Nesta época tão desoladora de pandemia, cabe-nos pensar o que temos feito da vida que nos foi dada como dom, a única vida que teremos para apresentar a Deus quando nos for concedido estar diante dele como filhos e filhas que se reconhecem amados e não receiam lançar-se no amplexo da comunhão trinitária. Afinal, recorda-nos a sabedoria popular: “Nada levamos desta vida a não ser a vida que levamos”. Daí a oração do salmista:

“Ensinai-nos a contar os nossos dias e dai ao nosso coração sabedoria” (90,12).

E não há melhor maneira de viver do que amar, traduzindo o amor em atitudes, gestos e palavras, segundo as exigências de cada momento e as necessidades de cada pessoa que cruza nossos caminhos. Quem no-lo recordou foi o inquieto Santo Agostinho:

Mas como tu, porém, ainda não vês a Deus, amando o próximo conquistas o mérito de vê-lo. Amando o próximo, purificas os olhos para poderes ver a Deus. Começa, portanto, a amar o próximo... Amando o próximo e tendo cuidado dele, tu caminhas. E aonde te conduz o caminho senão ao Senhor, que devemos

amar com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente? Ao Senhor ainda não chegamos, mas o próximo nós o temos sempre conosco. Ajuda, portanto, o próximo com o qual tu caminhas para poderes chegar àquele com o qual tu dejes permanecer.

Valha, pois, como conclusão, a intuição do místico e poeta de nossos dias: “No final do meu caminho me dirão: E tu, viveste? Amaste? E eu, sem dizer nada, abrirei o coração cheio de nomes”.

Seja esta nossa esperança, seja este nosso empenho: apresentar ao Deus da Vida um coração cheio de nomes e dele receber a imerecida e sempre desejada eternidade do amor. **vp**

## ORAÇÃO DA CONFIANTE ENTREGA

Pai, vosso Filho, Jesus, nos revelou a verdade de vosso amor, que é mais forte do que a morte. Ele nos fez descobrir que vossa fidelidade dura para sempre, que vossa misericórdia não termina nos limites do tempo, que desejais admitir-nos em vossa casa e nos preparais um lugar à vossa mesa.

Sabeis quanto nos custa despedir-nos daqueles a quem amamos e nos ofereceis, bondoso, o consolo e a força de vosso Espírito.

Em vossas mãos, entregamos confiantes a vida de N., na firme esperança de que o/a acolhereis no eterno abraço de vossa misericórdia, na alegria de vosso perdão e na plenitude de vossa paz.

Nós vos agradecemos pela vida que lhe destes, pelos dons com que o/a enriqueceste e por tudo de bom e de belo que ele/ela semeou entre nós.

Aos que ficamos, sustentai-nos com vossa graça, inspirai-nos palavras e ações para confortar-nos mutuamente e animai-nos com a certeza de que um dia estaremos também convosco para cantar eternamente as maravilhas de vosso amor, na glória sem fim de vosso Filho ressuscitado e na unidade perfeita de vosso Espírito Santo. Amém.

# ROTEIROS HOMILÉTICOS

Izabel Patuzzo\*

FINADOS

2 de novembro

## Nascidos para a eternidade

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Depois de celebrar a glória de todos os santos, a Igreja, preservando uma tradição antiga, que se iniciou no século XI, dedica o dia 2 de novembro à memória dos fiéis defuntos. Esta liturgia nos convida a meditar sobre o horizonte final de nossa caminhada terrena, que não termina com o fracasso da morte, mas na comunhão com Deus.

A primeira leitura, do livro do profeta Isaías, recorda-nos que o Senhor do universo irá preparar e reunir, num banquete especial, todos os povos da terra. Por meio de imagens magníficas, o profeta relata essa profunda experiência do ser humano, que, no final de sua caminhada, vai sentar-se com Deus em um encontro alegre e festivo. Partilhar da vida de Deus, fazer parte de sua família, significa alcançar a verdadeira felicidade e a vida plena.

Na segunda leitura, Paulo apóstolo assegura aos cristãos da comunidade de Roma que todos aqueles que seguem a Jesus Cristo e compartilham do seu sofrimento também com Ele serão glorificados.

A leitura do Evangelho retrata o julgamento final na visão de Mateus. O Filho do Homem, um título atribuído a Jesus,

é aquele que reúne todas as categorias de pessoas ao redor de si. Ele não vem para julgar; ele apenas separa. A condenação é uma questão de escolhas pessoais. Quem acolhe os pequeninos, os abandonados, os que sofrem por causa do Reino de Deus, esses serão acolhidos por Deus. Jesus é o pastor que sabe discernir quem está apto para entrar no seu Reino.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (Is 25,6a.7-9)

O texto do livro do profeta Isaías retrata uma situação de lágrimas e sofrimento que pesa sobre o povo. Embora seja difícil datar a época em que o texto foi escrito, é clara a referência à superação da morte, das lágrimas e do sofrimento por uma iniciativa do próprio Deus, que mudará a sorte de seu povo escolhido.

O profeta descreve o banquete como um momento de partilha e comunhão da comunidade que se reúne ao redor da mesa como grande família e, na alegria, celebra a presença de Deus numa refeição fraterna. O cenário do texto é o monte, que recorda o lugar de encontro, de proximidade com o Senhor. As grandes celebrações litúrgicas de Israel aconteciam em um contexto festivo de banquetes sagrados entre os fiéis e o Senhor. Aceitar o convite para esse banquete implicava iniciar nova

\*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada – PIME. É assessora nacional da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. E-mail: isabellapatuzzo@hotmail.com

caminhada de comunhão íntima com Deus, a qual culminaria numa transformação total da realidade de sofrimento. A imagem do banquete aponta para uma realidade em que as relações serão de convivência amorosa e fraterna, da qual ninguém será excluído.

Aceitar o convite de Deus para esse banquete requer a superação do egoísmo, das divisões, do orgulho e das discriminações. Significa acolher seu projeto de partilha, solidariedade, justiça, amor e comunhão.

## 2. II leitura (Rm 8,14-23)

A carta de Paulo aos Romanos é dirigida à comunidade dos cristãos de Roma, capital do império. Os cristãos eram uma minoria que vivia em meio a grande maioria de pagãos. Havia muitas incertezas acerca do futuro da comunidade. A Igreja de Roma era composta de cristãos vindos de todas as partes do império, convertidos do judaísmo e do paganismo.

Nessa carta, Paulo apóstolo assegura aos cristãos de Roma que todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus renunciam às obras da carne. Assim, o Espírito Santo é descrito como o protagonista da vida nova caracterizada pela filiação divina. Ele é a ponte de comunicação entre Deus e as pessoas. Portanto, nosso agir cristão consiste em sempre submeter-nos à decisão de nos deixar guiar pelo Espírito Santo, justamente porque, pelo batismo, o mesmo Espírito habita em nós.

A filiação divina era um privilégio de Israel, enquanto povo eleito para viver em comunhão com Deus. Segundo o ensinamento de Paulo, os cristãos, por meio do batismo, são libertos das potências escravizantes do pecado, da morte, da Lei antiga, para se tornarem filhos e filhas. A filiação divina significa, para eles, estarem unidos a Cristo, serem seus colaboradores e servos da comunidade, viver na justiça essa vida nova de herdeiros e coerdeiros de Cristo que chamam Deus de “Abá”, Pai.

## 3. Evangelho (Mt 25,31-46)

O texto do Evangelho de Mateus nos fala do fim dos tempos, ou seja, do juízo final. O evangelista apresenta Jesus como rei e juiz da história da humanidade. E os escolhidos de Jesus para entrar no seu Reino são os misericordiosos, os que têm compaixão dos irmãos e irmãs diante dos seus diversos sofrimentos. Ele explica quem são aqueles que serão abençoados e poderão sentar-se à sua direita: as ovelhas justas que assistiram os famintos, os sedentos, os doentes, os prisioneiros injustiçados. Já aqueles que não usaram de misericórdia, denominados cabritos, não entrarão no seu Reino, porque foram insensíveis aos necessitados. Não foram capazes de solidarizar-se diante do sofrimento alheio.

Mateus recorda à sua comunidade que, no futuro, haverá julgamento para aqueles que não tiverem sido fiéis aos ensinamentos de Jesus. As consequências serão permanentes, eternas. O critério para o julgamento será a maneira pela qual vivemos a fraternidade, o cuidado com o outro, sobretudo com os que mais necessitam de nosso cuidado; isto é, consistirá no modo como vivemos o mandamento do amor ao próximo.

Jesus deixa claro que a salvação não depende do *status* que temos neste mundo, nem daquilo que possuímos, e sim do acolhimento ao necessitado, ao empobrecido, ao estrangeiro, ao órfão, à viúva, aos doentes e àqueles de outras categorias necessitadas de seu tempo. A prática da solidariedade e da partilha era muito antiga em Israel.

Jesus não prega o pavor ao fim dos tempos, mas a preparação para o encontro definitivo com Deus, a qual deve fazer parte da vida cotidiana do cristão, por meio das obras de caridade, na relação fraterna com o pobre, com o excluído, com o doente e com todas as categorias de pessoas de nosso tempo que dependem de nossa misericórdia e solidariedade para ter uma vida digna.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A certeza da ressurreição nos garante que Deus tem um projeto de salvação e vida plena para nós. Ele nos convida à comunhão eterna, e esse projeto se realiza continuamente em nós até sua realização plena, quando nos encontraremos definitivamente com Ele.

A liturgia de Finados nos assegura que o caminho que percorremos neste mundo não termina com o fracasso da morte, mas no encontro com a vida verdadeira e eterna. Neste dia em que fazemos memória dos fiéis defuntos, que acreditamos estarem vivendo sua comunhão eterna com Deus, dedicamo-nos à oração e à reflexão sobre o mistério da morte e ressurreição.

A vitória de Jesus sobre a morte nos dá a esperança de que também nós, como seus discípulos e discípulas, somos chamados a essa vida plena de comunhão com Deus. Enquanto caminhamos neste mundo, somos chamados a viver no amor, na caridade, como preparação ao encontro definitivo na glória divina, não guiados pelo medo, mas pela esperança de que Deus prepara um lugar a cada um de nós na sua presença.

#### SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS

7 de novembro

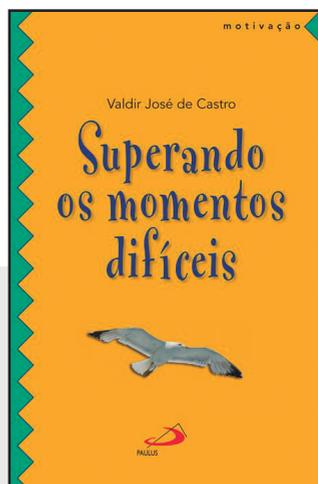
## Um projeto de vida feliz

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da solenidade de Todos os Santos tem profunda relação com nossa fé na ressurreição. Os discípulos partilham a mesma realidade experimentada por Jesus: a ressurreição para a vida eterna. O chamado à santidade, como nos recorda o papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, é feito a cada um de nós. O caminho para chegar à santidade é pessoal; cada um percorre seu próprio caminho para chegar a ela; há muitas maneiras de testemunhar a fé.

## Superando os momentos difíceis

Valdir José de Castro



104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Os textos propostos neste livro indicam que a conquista de uma melhor qualidade de vida só é possível quando “tomamos a decisão” de mudar nossos pensamentos e nossas atitudes, especialmente diante das experiências que consideramos “negativas”. A fé em Deus e em nossas capacidades, a esperança e o amor, vividos concretamente em nosso cotidiano, são fontes de água que ajudam a saciar nossa sede de coragem para vencer os momentos difíceis.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

A santidade é fruto da conversão realizada pelo Evangelho. Não somente aqueles que foram proclamados santos pela Igreja trazem a marca de uma vida santa, mas também muitos homens e mulheres de nosso tempo, os quais, no dia a dia, dão testemunho de seguimento de Jesus Cristo. Se nos deixarmos conduzir pela graça do sacramento do batismo, ela tem a força de frutificar em nós o dom da santidade.

Na liturgia deste dia, a primeira leitura descreve a alegria dos mártires e dos santos em sua comunhão com Deus. Para isso, o autor do Apocalipse recorre à linguagem simbólica da visão celestial. A segunda leitura nos recorda que, pelo batismo, somos chamados filhos de Deus e destinados à vida eterna. No Evangelho de Mateus, as bem-aventuranças nos falam do futuro que Deus reserva àqueles e àqueles que acolhem a proposta de seu Reino.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Ap 7,2-4.9-14)

O autor do livro do Apocalipse usa uma linguagem profético-simbólica – muito comum em sua época – que hoje chamamos de apocalíptica. Ele descreve, em forma de visões, a realidade das perseguições cruéis sofridas pelas primeiras comunidades cristãs e ainda vivas na memória dos discípulos de Jesus. As visões que João dirige, como profeta cristão, às comunidades cristãs da Ásia Menor trazem uma mensagem de esperança em tempos de provação. Trata-se de linguagem codificada – mas conhecida pela comunidade – que evoca a perseguição romana aos cristãos e o convite a resistir na fé.

Roma, a sede do poder romano, era comparada à antiga Babilônia, que trouxe grandes sofrimentos ao povo de Deus. Uma história que todos conheciam muito bem. O centro do anúncio profético de João é o Cordeiro imolado e ressuscitado,

Jesus Cristo. Ele transformou o caminho de morte em caminho de vida para todos os que o seguem, sobretudo para aqueles que dão a vida pela fé. Estes participam de sua vitória, no banquete eterno.

### 2. II leitura (1Jo 3,1-3)

A segunda leitura nos recorda que o caminho da santidade consiste em vivermos como filhos e filhas de Deus. Pelo batismo, recebemos a graça de sermos seus filhos adotivos; somos capacitados a participar da glória eterna. Nas palavras de João, por meio dessa filiação, tornamo-nos coparticipantes da natureza divina (“quando Jesus se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é”, v. 2). A santidade, portanto, não é apenas fruto do esforço pessoal daqueles que buscam viver segundo a proposta do Evangelho de Jesus, mas é dom do amor de Deus e resposta do ser humano à iniciativa divina. Assim, desde o nosso batismo, nossa vida futura está marcada pelo convite à comunhão eterna com Deus.

### 3. Evangelho (Mt 5,1-12a)

As bem-aventuranças segundo o Evangelho de São Mateus fazem parte do primeiro discurso de Jesus, também chamado de sermão da montanha. Esse discurso reúne importantes ensinamentos que o evangelista colecionou para transmitir à sua comunidade, com a intenção de ajudar os discípulos a renovar a antiga Lei do Sinai com o novo código ético anunciado por Jesus.

A comunidade cristã reúne o novo povo de Deus. Dessa forma, Mateus situa o ensinamento de Jesus no alto da montanha. A indicação geográfica recorda a Lei entregue ao povo de Deus no Sinai. Lá o Senhor se revelou ao seu povo. Agora é o Filho de Deus que se revela aos discípulos e, na montanha, oferece as diretivas para a Nova Aliança, a nova Lei.

O relato de Mateus traz nove bem-aventuranças e não apresenta os “ai de vós” que aparecem no texto de Lucas. O texto de Mateus enuncia sempre uma alegria oferecida por Deus. Jesus proclama as bem-aventuranças àqueles que, por alguma razão, passam por provação ou sofrimento. São bem-aventurados os que se encontram em situação de dependência, fraqueza ou debilidade, porque Deus está pronto para instaurar seu Reino, que transformará os sofrimentos em bênçãos.

As quatro primeiras bem-aventuranças estão relacionadas entre si. São dirigidas aos pobres em espírito, isto é, àqueles que confiam plenamente na misericórdia divina; àqueles que renunciam aos êxitos e bens deste mundo e se fazem disponíveis para Deus e para os irmãos. Os pobres em espírito são aqueles que livremente renunciavam à busca de bens materiais para servir e partilhar tudo o que têm com os que necessitam de ajuda.

Os mansos são aqueles que escolheram a não violência, são tolerantes e pacíficos, embora essa escolha nem sempre seja a mais fácil. A mansidão requer muitas vezes a capacidade de sofrer injustiças sem usar de meios violentos para construir o Reino de Deus. Os que choram são aqueles que vivem na aflição, muitas vezes fruto do egoísmo e da injustiça. Os que têm fome e sede de justiça são aqueles que buscam a fidelidade aos planos de Deus. Os misericordiosos são aqueles que se deixam guiar pelos sentimentos divinos. Deus é misericórdia sem limites. Ser misericordioso significa ter um coração capaz de se compadecer diante dos sofrimentos dos irmãos e irmãs.

Aqueles que promovem a paz são os que se recusam a confiar nos poderes deste mundo e se fazem instrumentos de reconciliação e perdão. Os perseguidos por causa da justiça são aqueles que resistem à perseguição, aos sofrimentos e adversidades por causa de Jesus Cristo.

Em seu conjunto, as bem-aventuranças anunciam que Deus nos ama e é fonte de bênçãos para todos os que acolhem o caminho por ele apontado.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Jesus proclama que os pobres em espírito são felizes, enquanto o mundo diz que isso se conquista com bem-estar, dinheiro, poder, prestígio. As bem-aventuranças trazem outra proposta de felicidade. Construir a paz, ter um coração misericordioso, lutar pela justiça constituem a verdadeira bênção. O discurso de Jesus nos leva a refletir sobre o que de fato nos traz a vida plena.

As bem-aventuranças revelam a realidade misteriosa da vida em Deus que abraçamos por meio de nosso batismo. A solenidade de Todos os Santos nos faz lembrar as muitas pessoas que buscaram a santidade, aproximando-se do rosto de Deus; pessoas em cuja vida transparecia a imagem e semelhança dele, porque, mesmo com defeitos, se deixaram transformar pelo amor e misericórdia divina.

Ser santo exige andar na contramão das propostas do mundo, a exemplo de Jesus, e resistir às tentações do ter e do poder. Que a exortação do papa Francisco possa nos inspirar a não ter medo da santidade; a sermos mais humanos e ter compaixão de quem necessita de nosso cuidado; a sermos alegres porque nos aproximamos de Deus.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM

14 de novembro

## Jesus anuncia o fim das forças do mal

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Estamos próximos do encerramento de mais um ano litúrgico. É um tempo propício para refletir sobre a parusia, o retorno glorioso do Senhor. Esta celebração

nos fala da presença de Jesus na história de humanidade, em dupla perspectiva: em sua primeira vinda a este mundo, ele se encarnou, anunciou o Reino de Deus, morreu por nós e ressuscitou; a segunda vinda é marcada pela sua glória, pela realização da salvação plena oferecida a toda a humanidade.

Às comunidades judaicas perseguidas e desanimadas durante os tempos difíceis de dominação estrangeira no século II a.C., a primeira leitura anuncia que a chegada de novos tempos é iminente. Deus irá intervir na realidade de dominação e opressão que o povo escolhido está enfrentando. Essa é a esperança que anima o povo de Deus a permanecer fiel no sofrimento.

A segunda leitura é tirada da carta aos Hebreus, escrito que se apresenta em forma de homilia – dirigida a uma comunidade desanimada pela hostilidade dos pagãos e pelas dificuldades internas – e cujo objetivo é reavivar o entusiasmo dos discípulos.

O Evangelho proposto nesta celebração situa-nos em Jerusalém, pouco antes da paixão e morte de Jesus. Em seus ensinamentos, Jesus recorda aos discípulos que Deus fará surgir um mundo novo, de felicidade sem fim. No entanto, os discípulos precisam estar atentos para reconhecer os sinais de sua chegada.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Dn 12,1-3)

O livro de Daniel retrata a situação das comunidades judaicas que viviam dispersas sob o domínio greco-romano dos dois últimos séculos antes de Cristo. Além da dominação política e econômica que oprimia o povo, outra marca desse tempo foi a imposição cultural e religiosa por parte do governo estrangeiro. A perseguição foi dura, e a intolerância dos dominadores estrangeiros, sobretudo dos macedônios, provocou profundas feridas na vida das comunidades

dos judeus fiéis. Nem todos conseguiram resistir à dominação e imposição cultural e religiosa.

É nesse contexto que o livro de Daniel – cujo autor é um judeu fiel às suas tradições culturais e religiosas – dirige sua mensagem às comunidades judaicas dispersas pelo vasto império, motivando-as a resistir à imposição cultural e religiosa e preservar a fé. O profeta acredita nos valores religiosos de seus antepassados e quer mostrar aos seus concidadãos que a fidelidade aos ensinamentos da Lei mosaica e dos Profetas será recompensada pelo Senhor e os inimigos do povo serão derrotados.

Aqueles que, apesar da perseguição e do sofrimento, resistirem e permanecerem fiéis aos ensinamentos da Aliança serão destinados à vida eterna. Eles brilharão como estrelas, com um esplendor eterno. Essa é a esperança que deve animar os justos, os quais não abandonam sua fidelidade a Deus mesmo em tempos de dura provação. O autor do livro de Daniel assegura que a vida do justo será preservada e que Deus transformará todo sofrimento, conduzindo seu povo fiel a uma vida eterna. A certeza de que a vida não termina com a morte ajuda os fiéis a superar o medo e resistir com coragem, confiando no projeto de Deus em favor de seu povo eleito.

### 2. II leitura (Hb 10,11-14.18)

A exortação da carta aos Hebreus é dirigida a discípulos desanimados pela hostilidade dos pagãos e pelos conflitos comunitários internos. As comunidades cristãs estão mergulhadas em um clima de desânimo, cansaço e fragilidade por conta das inúmeras adversidades que tiveram de enfrentar.

Diante dessa realidade, a carta se apresenta como uma reflexão sobre o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência, cuja missão é reconstruir a relação dos discípulos

com o Pai e inseri-los no povo sacerdotal que é a comunidade cristã. O autor lembra que Jesus, ao entregar sua vida para a remissão de nossos pecados, conseguiu aproximar a humanidade do seu Criador. Jesus obedeceu a Deus em tudo e ofereceu a vida como dom de amor. Seu sacrifício, oferecido de uma só vez, libertou efetivamente a criatura humana de sua dinâmica de egoísmo e pecado, e permitiu-lhe aproximar-se de Deus com um coração renovado. Jesus propôs à humanidade um caminho novo, mudou o coração dos discípulos e os ensinou a viver em total disponibilidade para os projetos de Deus.

Ao cumprir sua missão neste mundo, Jesus sentou-se à direita de Deus para sempre. Apontou-nos, assim, o caminho para chegarmos à meta final de nossa existência: a comunhão com Deus e a pertença à família divina. Dessa forma, o autor exorta os cristãos a viver com fidelidade os compromissos assumidos no batismo.

### 3. Evangelho (Mc 13,24-32)

Segundo o episódio narrado no Evangelho proposto para este dia, Jesus encontra-se em Jerusalém para celebrar sua Páscoa definitiva. O evangelista apresenta o discurso escatológico de Jesus aos seus discípulos, indicando a missão da comunidade desde sua morte até o final da história humana. É um texto de difícil compreensão, porque Jesus fala em linguagem apocalíptica, isto é, por meio de imagens simbólicas. Seu objetivo é recomendar aos discípulos as atitudes a tomar diante das provações que irão enfrentar.

Jesus tem consciência de que sua missão terrena está para ser concluída. Retomando parte da tradição profético-apocalíptica, ele anuncia o fim das forças do mal, as quais se opõem ao plano de Deus e perseguem os fiéis. A batalha contra o mal será cósmica: o sol, a lua e as estrelas irão escurecer; tais

## Uma espiritualidade para o nosso tempo à luz do apóstolo Paulo

Valdir José de Castro



80 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

A espiritualidade, seja qual for a corrente, refere-se à busca de sentido que naturalmente leva à realização humana. A proposta deste livro é refletir sobre a espiritualidade cristã à luz do apóstolo Paulo, que a assumiu como um modo de ser. O encontro com Jesus levou-o a dar sentido à sua vida e a sonhar e trabalhar por um mundo mais humano, mais justo, sem discriminação.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

sinais precederão o dia do Senhor, isto é, a vitória de Deus sobre o mal. Essa linguagem era familiar aos ouvintes de Marcos. No mundo grego e romano, o sol e a lua eram adorados como deuses, e o imperador era considerado filho do deus sol. Diante do Deus verdadeiro, porém, as falsas divindades perderiam seu brilho.

A expressão “Filho do Homem” era um título atribuído a Jesus, para proclamá-lo o Filho de Deus enviado, o Messias. Com essas expressões, a mensagem de Marcos é clara: o caminho dos discípulos será marcado pelo sofrimento e pela perseguição. No entanto, a vinda gloriosa de Jesus vai instaurar um tempo de alegria e felicidade plena para aqueles que sabem permanecer fiéis, resistir e esperar.

Aos discípulos que interrogam Jesus acerca de quando esses fatos irão acontecer, ele responde que o mais importante é confiar. Convida seus discípulos a observar a natureza; os ramos novos da figueira, como o agricultor espera nova estação. Da mesma forma, a comunidade cristã deve esperar pelos sinais de novos tempos, do anúncio da libertação, o tempo de Deus agir. Certos da vinda do Senhor e atentos aos sinais dos tempos, os cristãos a aguardam de coração aberto, para acolhê-la quando se manifestar. Não há data marcada para essa vinda, mas a comunidade acredita nas palavras e nos ensinamentos de Jesus. Ele é o Senhor que conduz a história.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Diante de tantos acontecimentos que trazem sofrimentos à humanidade, a Palavra de Deus nos vem como esperança. As sombras que marcam os tempos atuais são realidades que tocam a todos nós; muitas vezes nos desafiam, nos inquietam e nos deixam sem respostas. A mensagem desta liturgia é que Deus se faz presente nos dramas da humanidade. Ele não abandona

o barco à deriva. A humanidade não caminha para um holocausto ou para a destruição. O encontro definitivo com o Senhor deve ser preparado na perseverança em meio aos desafios, conflitos, sofrimentos e provocações. Jesus não esconde que haverá desafios.

O cristão não se entrega ao desespero diante das provações, pois acredita que Deus é o Senhor da história. Enquanto caminham neste mundo, os discípulos de Jesus não cruzam os braços, mas se envolvem ativamente na construção do Reino. Têm a convicção de que permanentemente devem dar testemunho de sua fé e que finitude, limites e imperfeições são parte da caminhada deste mundo. Para Deus, não há passado ou futuro, mas o eterno presente em que somos chamados a servir, a ser fiéis aos seus ensinamentos. Que Jesus, no seu regresso, possa encontrar uma comunidade vigilante e atuante, que traduz em ações o que sua Palavra propõe.

## JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO

21 de novembro

## O Reino da compaixão

### I. INTRODUÇÃO GERAL

No último domingo do ano litúrgico, celebramos a solenidade de Cristo Rei. O texto do Evangelho apresenta-nos dois diálogos, situados no contexto do julgamento e condenação de Jesus. Pilatos, enquanto autoridade política, interroga Jesus acerca da acusação, tramada pelas autoridades judaicas, de que Ele havia se declarado rei de Israel.

No Evangelho segundo João, o relato da paixão de Jesus destaca a figura política de Pôncio Pilatos de forma particular. O processo de julgamento e condenação de Jesus na corte romana foi de ordem política. Enquanto procurador romano, Pilatos

exerce o poder de dialogar com as autoridades locais, isto é, com os chefes dos sacerdotes e membros do sinédrio, e de emitir a sentença de morte. Como representante de César, era de sua competência emitir um juízo sobre a acusação e declarar a sentença condenatória de flagelar e crucificar Jesus, conforme a lei do império.

Em sua resposta a Pilatos, Jesus faz clara distinção entre a natureza de seu Reino e do reino político que Pilatos representa. Jesus se refere a um Reino que não pertence a este mundo, pois o Reinado de Deus é universal, fundamentado no amor, na justiça, na misericórdia. Enquanto os reinos deste mundo são pautados por lutas de poder, dominação, corrupção, jogos de interesses, o Reino de Deus tem como fim a salvação, o cuidado com a vida, a paz para os povos e a construção da fraternidade universal.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Dn 7,13-14)

O livro de Daniel foi escrito em um contexto de grande instabilidade política, econômica, cultural e religiosa para o povo eleito. Os dois últimos séculos do pós-exílio foram marcados por profundos conflitos, surgidos de disputas políticas e econômicas que puseram as comunidades judaicas em risco de perder sua identidade.

O texto apresentado na liturgia deste dia faz uma releitura profética da história do povo de Deus, com o objetivo de suscitar esperança nas comunidades dos fiéis que resistem às propostas de idolatria dos poderes greco-romanos.

O autor transmite sua mensagem em forma de visões, e interpretar corretamente as visões com base nos valores de sua tradição religiosa é sinal de sabedoria. Somente os sábios que se apoiam na justiça divina podem compreender o que está acontecendo e apontar caminhos de superação. A vinda

do Filho do Homem evoca a chegada de tempos messiânicos, em que Deus mudará o curso da história.

Segundo a tradição da fé judaica, esse Filho do Homem será um enviado de Deus que vai instaurar novo reino sobre a terra. Será o Messias enviado a este mundo para pôr fim à perseguição dos justos fiéis e possibilitar a vitória dos santos sobre as forças de opressão e de morte. Essa é a esperança que anima as comunidades dos fiéis imediatamente antes da chegada de Jesus. Os discípulos interpretaram as Escrituras à luz da ressurreição de Jesus, compreendendo que nele se cumpriram as promessas messiânicas. Ele veio dar pleno cumprimento a tudo o que os profetas anunciaram.

### 2. II leitura (Ap 1,5-8)

O livro do Apocalipse foi escrito no final do século I d.C. e enviado às comunidades cristãs que se situavam na província romana na Ásia Menor e viviam em um contexto social e cultural de dominação. João deseja que os discípulos de Jesus resistam não somente às perseguições, mas também às propostas de Roma para cooperar com sua política de dominação. Na província da Ásia, diferentemente do que ocorria na Palestina, a cultura romana era hegemônica e amplamente compartilhada e aceita na sociedade. As forças imperialistas atuavam mais por meio de mecanismos de persuasão do que por meio de armas militares. Isso representava grande perigo para a fé cristã.

O universo simbólico do mundo mediterrâneo no final do século I da era cristã estava repleto de rituais e festividades que mantinham a idolatria e a injustiça. Nessa atmosfera, as vozes das comunidades cristãs eram de minorias dissidentes. Somente as pequenas comunidades judaicas e cristãs eram monoteístas e se opunham ao culto de outras divindades. Nesse sentido, a mensagem dirigida às sete Igrejas da Ásia

serve de orientação e consolo para superar as profundas tensões e desânimo em que estavam mergulhadas. Dessa forma, o autor procura ajudar os cristãos a vencer o medo e o sentimento de fracasso em fazer florescer o anúncio de Jesus Cristo.

O texto da segunda leitura nos apresenta os primeiros versículos do livro do Apocalipse, para nos introduzir no primeiro diálogo do leitor com o autor. Esse diálogo é marcado por um ambiente litúrgico, como se todo o livro fosse uma grande liturgia em honra do Cordeiro imolado e ressuscitado, centro da fé cristã. Nesse diálogo, a comunidade é convidada a aceitar Cristo como centro da história humana. Ele é o princípio e o fim de todas as coisas. É nele que a comunidade deposita toda a confiança.

### 3. Evangelho (Jo 18,33b-37)

O Quarto Evangelho apresenta Jesus como o Messias-rei que tem todas as qualidades descritas nas Escrituras. Todo poder e autoridade lhe foram concedidos para levar à plenitude a missão de verdadeiro rei que cuida do povo. É um rei que se apresenta como o bom pastor que protege e dá a vida pelo rebanho; que interpreta e observa as Escrituras; que julga o mundo com justiça e misericórdia, assegurando a presença de Deus; que, simbolicamente, é o Templo onde habita o Senhor.

A presença e o efeito do poder régio de Jesus são claramente ilustrados no diálogo com Pilatos. Dois reinos opostos – um deste mundo e outro não pertencente a este mundo – encontram-se. A imagem descrita pelo evangelista na perspectiva terrena difere radicalmente da perspectiva transcendental. Aparentemente, a figura mais poderosa do relato é Pilatos, cujo poder não é mérito seu, mas também é de ordem transcendente, pois lhe foi concedido por Deus para que Jesus seja glorificado. O foco em João é a

presença de Jesus encarnado como rei de todo o cosmo, e isso é revelado por sua morte na cruz e ressurreição. Ele é o rei de Israel e governa um Reino cuja dimensão é universal.

Como rei, Jesus oferece tudo o que um rei político devia oferecer – por exemplo, proteção, julgamento justo, vida digna, leis que orientam a prática da justiça e da retidão, e assim por diante. A compreensão de Jesus como rei sugere, portanto, um tipo de presença régia que deveria transformar também os reinados deste mundo.

O relato joanino apresenta as duas concepções de reinado: o Reinado de Deus, anunciado por Jesus, e o reinado do Império Romano, representado por Pilatos. O Reino da verdade estabelecido por Jesus tem raízes nas Escrituras, de longa tradição em Israel. Para a comunidade joanina, a verdade tem poder em si mesma, porque vem de Deus. Em João, Jesus incorpora em sua missão de Rei-messias todas as esperanças de Israel, não por meio do poder político, mas como o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas, como a luz do mundo, como a ressurreição e a vida, como o caminho, a verdade e a vida.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras desta liturgia não deixam dúvidas de que, para nós, cristãos, Jesus é o único rei no qual podemos depositar nossa confiança. Ao celebrarmos a solenidade de Cristo Rei do Universo, somos convidados, antes de mais nada, a acolher e interiorizar esta realidade: Jesus é nosso rei, princípio e fim da história humana, e se faz presente a cada passo de nossa caminhada; é ele que nos conduz à vida plena.

Vivemos tempos de profunda crise de liderança, não somente em âmbito nacional, mas também mundial. Como se apresentam os líderes políticos e econômicos em tempos atuais? Frequentemente são

peças de visão limitada, dispostas a governar apenas para seus grupos de interesses, com pouca atenção ao bem comum. Essas constatações não devem nos deixar desanimados, pois nossa fé nos ajuda a olhar para além dessa realidade. A proposta de discipulado de Jesus ultrapassa tudo isso. Ele é nosso rei, e depositamos na sua proposta evangélica nossa esperança; é no caminho que ele nos aponta que pautamos nossas ações.

A realeza de Jesus não se assemelha à lógica dos poderes deste mundo. O papa Francisco, em sua encíclica *Fratelli Tutti*, recorda-nos que, em Jesus, todos somos irmãos e irmãs e, juntos, somos chamados a construir um mundo mais justo e fraterno. Somos chamados a buscar a fraternidade universal, pois ninguém se salva sozinho. Como discípulos de Jesus, temos a missão de cuidar do mundo como a casa comum de todos.

1º DOMINGO DO ADVENTO  
28 de novembro

## A libertação está próxima

### I. INTRODUÇÃO GERAL

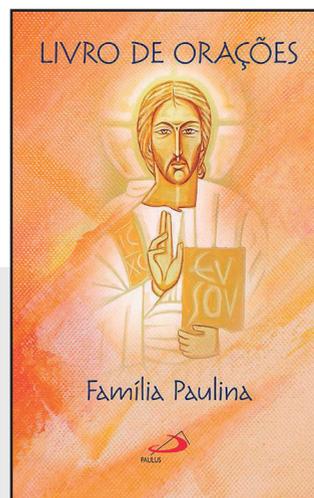
No 1º domingo do Advento, nossa Igreja inicia novo ano litúrgico. Para nós, cristãos, é um tempo oportuno de reflexão e oração; de discernir e tomar boas resoluções em nossa vida. Há vários símbolos litúrgicos que nos acompanham ao longo do Advento e nos ajudam a ter Jesus como luz de nossa caminhada de fé. A Palavra de Deus nos insere nessa atmosfera da espera da vinda do Senhor.

Na primeira leitura, o profeta Jeremias nos fala das promessas do Deus da Aliança. Deus vai enviar um descendente da casa de Davi, cuja missão será concretizar o sonho de justiça, de paz e de vida em abundância para o povo escolhido.

## Livro de Orações

Família Paulina

Valdir José de Castro



416 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O Livro de Orações contempla orações à maneira como a Família Paulina rezava no tempo do seu fundador, o Bem-aventurado Tiago Alberione, e reza até hoje. O presente texto é uma tradução do livro *Le Preghiere della Famiglia Paolina*, de 1971, considerado o último livro de oração da época fundacional, com umas poucas alterações em vista de um uso mais prático. Nele o fiel encontrará preces cotidianas, semanais e mensais, aquelas que fazem parte da tradição orante da Família Paulina (como “Via Humanitatis” e “Ao Mestre Divino”), novenas, entre outras.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

A segunda leitura, da primeira carta de Paulo à comunidade de Tessalônica, é um convite aos discípulos para sair do comodismo e da mediocridade, e esperar ativamente a vinda do Senhor. Segundo a exortação de Paulo apóstolo, a prática do amor fraterno era fundamental para aqueles que esperavam a vinda de Jesus.

No Evangelho, São Lucas nos apresenta Jesus como o Messias, o Filho de Davi enviado, que anuncia, para um futuro muito próximo, a libertação pela qual todos ansiavam. A realidade antiga cede lugar aos novos tempos inaugurados por Jesus. O texto da liturgia deste domingo situa-se na última parte do Evangelho segundo Lucas, a qual narra os últimos acontecimentos que se realizarão em Jerusalém – isto é, a paixão, morte e ressurreição de Jesus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Jr 33,14-16)

Jeremias exerceu seu ministério profético próximo do tempo da tomada de Jerusalém pelo exército do rei da Babilônia, Nabucodonosor. O profeta encontra-se na prisão, acusado de traição política. Sua situação parece ser de derrota, e a esperança parece estar chegando ao fim. É nesse contexto que ele sente o apelo de Deus para dirigir sua mensagem profética ao povo. É em nome do Senhor Deus que Jeremias proclama a chegada de novo tempo, no qual Deus irá curar as feridas e proporcionar paz e segurança à casa de Judá.

É surpreendente constatar que, diante de uma situação tão caótica, o profeta anuncia a vinda de um descendente de Davi, alguém fiel às promessas divinas que irá trazer a paz e a salvação a todo o povo. O centro do anúncio profético é que o enviado da casa de Davi irá restaurar a justiça na terra. Sua missão não será outra senão assegurar a justiça e o direito ao povo eleito. Um governo sem justiça não pode assegurar a

paz. Por isso o rei futuro será ungido por Deus e terá como missão restaurar a ordem social, para que todos tenham vida digna em abundância. Por meio de sua mensagem profética, Jeremias deseja suscitar a esperança do povo e confortá-lo, garantindo-lhe que Deus não o abandona. Ele sempre envia pessoas escolhidas que conduzam seu povo pelo caminho da justiça e do direito, a fim de que mantenha a fidelidade à Aliança.

### 2. II leitura (1Ts 3,12-4,2)

Nesta leitura, Paulo se dirige à comunidade dos cristãos em Tessalônica. Paulo e Silvano fundaram essa comunidade durante sua segunda viagem missionária. Os frutos da atividade missionária foram a conversão de muitos pagãos, e aos poucos a comunidade se tornou numerosa e entusiasta. Isso provocou reações adversas da parte de alguns judeus, que fizeram fortes acusações contra Paulo, forçando-o a deixar seu trabalho missionário nessa comunidade. O apóstolo teve de fugir depois de pouco tempo de evangelização.

Posteriormente, quando já estava em Corinto, preocupado com a interrupção de seu trabalho catequético em Tessalônica, Paulo enviou seu discípulo Timóteo para receber notícias e assistir pastoralmente a comunidade. Para a alegria do apóstolo, chega-lhe a notícia de que Deus continuou seu trabalho no coração dos membros da comunidade, a ponto de esta ser considerada um modelo para todas as outras, sobretudo no exercício da caridade.

O trabalho missionário de Paulo em Tessalônica nos mostra que a caminhada cristã nunca é um processo acabado. O processo catequético de evangelização é contínuo, e o Espírito Santo é o protagonista da missão. O cristão não é alguém perfeito, mas alguém que, a cada dia, procura se aproximar sempre mais de Deus.

### 3. Evangelho (Lc 21,25-28.34-36)

O texto deste domingo está situado na última parte do Evangelho segundo Lucas. Jesus já se encontra em Jerusalém pela última vez com os apóstolos. São os últimos ensinamentos antes de sua paixão, morte e ressurreição. Tais versículos marcam o fim do seu discurso sobre a destruição de Jerusalém e a vinda do Filho do Homem. Jesus, durante a subida para Jerusalém com seus discípulos, já havia ensinado sobre esses acontecimentos futuros.

Ele descreve aos discípulos os sinais cósmicos que irão anteceder a chegada do Filho do Homem, isto é, a vinda do Messias. O sol, a lua e as estrelas vão se escurecer, e as pessoas serão tomadas de angústia. A difícil situação deixa sem alento todos aqueles que esperam pelo enviado de Deus. Sua chegada, porém, irá trazer a libertação aos discípulos. Os sinais cósmicos se apresentarão como catástrofes na terra, mas a conclusão do ensinamento assegura a aparição gloriosa do Filho do Homem, fazendo alusão à glória da ressurreição que acontecerá em Jerusalém.

Os discípulos não devem esperar com temor, mas com esperança. Os sinais cósmicos não apontam para o fim do mundo, mas para a mudança que a ressurreição de Jesus vai realizar nos corações e na comunidade. Os discípulos devem reconhecer os sinais que precedem a redenção que o Filho do Homem traz ao mundo. Por isso Jesus faz essas recomendações aos seus discípulos, para que esperem com confiança e resistam na hora de seu sofrimento na cruz.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ao longo do Advento, somos convidados a refletir sobre a realidade da vida humana, a rezar pelas muitas situações de sofrimento de nosso tempo. Assim como os discípulos do Evangelho, presenciamos sinais catastróficos de destruição da natureza, de tantos

irmãos e irmãs vivendo em situações-limite. A preparação do Natal nos convida a abrir o coração às obras de caridade e viver a misericórdia. Milhões de pessoas diariamente são assoladas pela violência da guerra, da fome, da doença. A Palavra de Deus nos convida a perseverar na esperança; também a nós, Jesus assegura que a libertação está à porta. Ele nos ensinou o caminho para uma vida fraterna e solidária.

A fé em Jesus Cristo nos ajuda a ter presente que o novo mundo oferecido por Deus está permanentemente em construção e depende de nosso testemunho, de nossas ações a favor do Reino que ele veio instaurar. É sempre tempo de renovar o coração e nos prepararmos bem para um santo Natal, na oração e na ação solidária e caritativa.

### 2º DOMINGO DO ADVENTO

5 de dezembro

## Todos podem ver a salvação

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste 2º domingo do Advento nos convida a celebrar a chegada da vida com alegria. O tempo de luto está para terminar, porque a misericórdia de Deus é maior que todas as crises e calamidades humanas. O Criador não abandona sua obra, por isso recria e reanima seus filhos e filhas continuamente.

A primeira leitura ressalta o convite à conversão, à renovação do coração, a fim de remover todos os obstáculos que impedem nossa proximidade com Deus. O texto do livro do profeta Baruc sugere ao povo eleito refazer o caminho da conversão como novo êxodo, isto é, deixar a escravidão do pecado em direção à liberdade. O grande fruto da conversão é a alegria, é a decisão de deixar as vestes de luto e aflição para se revestir do manto da justiça.

A segunda leitura recorda à comunidade de Filipos sua missão profética de anunciar o Evangelho por meio de ações concretas, do testemunho da caridade. Todos devem trabalhar para eliminar as divisões entre os membros e, assim, de fato, acolher o Senhor que vem.

O Evangelho nos apresenta a figura de João Batista como aquele que veio preparar o caminho do Senhor, convidando todos a uma transformação radical de vida. Assim como João, somos chamados a exercer nossa missão profética de preparar o caminho do Senhor no coração das pessoas e em nossas comunidades.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Br 5,1-9)

O livro de Baruc é atribuído ao companheiro de missão do profeta Jeremias, tendo ambos feito a experiência do exílio da Babilônia (538 a.C.). No entanto, o livro retrata a situação de Israel muito tempo depois (século II a.C.). Em sua mensagem, Baruc convida a comunidade dos fiéis a celebrar uma liturgia penitencial, exortando-a à reconciliação com o Senhor Deus. O texto proposto é marcado por grande exortação e pela consolação como fruto da conversão. O profeta assegura aos fiéis que, por meio do arrependimento e confissão sincera dos pecados, o povo obterá o perdão divino. Assim será iluminado pela sabedoria, voltará ao temor de Deus; a experiência da misericórdia de Deus será motivo de grande júbilo.

O profeta compara o povo infiel como uma mulher em luto, desanimada e aflita. Sua mensagem, porém, é de esperança. Ele exorta o povo a retirar as vestes de tristeza e se revestir de beleza, glória e alegria, pois Deus perdoou todas as faltas. Ele teve piedade e reuniu novamente seus filhos e filhas dispersos; o exílio terminou. Essa leitura anuncia novo advento para o povo disperso. Deus irá congregá-lo outra vez.

Como um Pai amoroso, ele sempre olha para seus filhos e filhas. É nessa atmosfera de alegria e de confiança serena na ação salvadora de Deus que somos convidados a viver este tempo de mudança e preparar, em nossa vida, a vinda do Senhor.

### 2. II leitura (Fl 1,4-6.8-11)

Paulo escreve aos filipenses provavelmente enquanto estava na prisão em Éfeso. O apóstolo tinha grande afeição por essa comunidade, que havia sido muito generosa com ele, sobretudo em tempos de privações. Além da ajuda financeira, os filipenses haviam enviado Epafrodito, um membro da comunidade, para ajudar o apóstolo em suas atividades pastorais. Paulo lhes escreve então uma carta que será levada por Epafrodito em seu retorno, pela qual agradece o cuidado recebido, exorta todos a permanecerem fiéis ao Evangelho que lhes foi anunciado e agradece a Deus pelo crescimento da fé daquela comunidade.

É com sentimento de grande ternura que o apóstolo se dirige aos filipenses, sobretudo pelo empenho deles em anunciar, com a vida e com as obras, o Evangelho que receberam. A solidariedade e a partilha com o apóstolo são sinais de que a comunidade abraçou a fé em Jesus Cristo. Por isso, Paulo a exorta a permanecer pura e irrepreensível na espera da vinda do Senhor. Os cristãos de Filipos compreenderam a essência do Evangelho, que é anunciar a fé com palavras e obras. Atentos às necessidades dos irmãos, fizeram-se solidários com aqueles que davam a vida pelo anúncio do Evangelho e com as comunidades mais necessitadas.

### 3. Evangelho (Lc 3,1-6)

O texto do Evangelho deste domingo tem dupla finalidade: introduzir o ministério de João Batista e o de Jesus. O evangelista põe em cena o profeta João Batista em vista de introduzir o ministério público de

Jesus, depois de narrar os principais acontecimentos de sua infância. No Evangelho segundo Lucas, o ministério de Jesus tem estreita relação com o ministério de João Batista. A figura de João Batista, porém, marca os limites de um novo tempo: a chegada do Messias.

Cuidadosamente, o evangelista situa a ação profética de João na história de seu tempo, mencionando as autoridades políticas do Império Romano e os chefes do povo judeu. Lucas faz um esforço para situar, no tempo da história humana, o tempo da salvação. Ele sugere que Deus entra na história humana para transformá-la. Deus sempre toma a iniciativa de vir ao nosso encontro, permanecendo fiel ao seu projeto de salvação.

A missão de João Batista, na visão de Lucas, é preparar a inauguração de nova etapa da história da salvação. Por isso, João é descrito como um profeta itinerante, que prepara o caminho do Senhor. Retomando um texto de Isaías (Is 40,3-5), João anuncia um tempo de consolação, de cumprimento das Escrituras, o qual exige, porém, conversão. O batismo de arrependimento é sinal dessa renovação do coração para acolher o tempo de salvação, isto é, o tempo de Jesus, o Messias enviado de Deus. O texto conclui com a citação de Isaías para anunciar a chegada de um novo tempo, que exige preparação do caminho que leva ao encontro com o Senhor; não é um encontro qualquer, por isso é exigido grande empenho no preparo desse caminho.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

À semelhança de João Batista, a missão profética de anunciar o Messias e preparar os corações para acolhê-lo é parte de nossa vocação cristã. Pelo sacramento do batismo, todos fomos constituídos profetas e chamados a dar testemunho de que o Senhor continua a vir habitar no meio de

## Esperançar

A missão do agente da Pastoral da Comunicação

Marcus Tullius



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esperançar é missão de todo cristão, mas é, por excelência, a missão do agente da Pastoral da Comunicação. Mais do que um trabalho técnico, é uma dádiva de Deus poder transmitir uma mensagem-Pessoa: Jesus Cristo. Este livro quer dar impulso aos agentes da Pascom em sua vivência da espiritualidade como base para sua atuação na Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

nós. Acolher Jesus em nossa vida exige séria preparação. Quais obstáculos dificultam meu encontro com o Senhor?

A preparação do caminho do Senhor exige de nós lutar contra todas as formas de egoísmo, discriminação, dominação, opressão e violência que ameaçam a vida de tantas pessoas. Preparar o caminho do Senhor significa reorientar a vida para Deus, de modo que ele e seus ensinamentos ocupem lugar central em nosso coração e se tornem prioridade para nós.

3º DOMINGO DO ADVENTO

12 de dezembro

## Preparar o caminho do Senhor

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O Evangelho deste domingo, dando continuidade ao relato da missão de João Batista que a liturgia nos apresentou no domingo anterior, propõe uma pergunta fundamental a nós, cristãos: Que devemos fazer para nos convertermos de fato e acolher o Messias? O evangelista Lucas relata a missão profética de João Batista, que chama e desafia a multidão a mostrar evidências de conversão. O profeta recorda aqueles que ouvem sua pregação de que não basta confiar na pertença a Israel. É necessário cumprir as diretivas que Deus aponta para seu povo. A verdadeira conversão se traduz em ações concretas. João Batista assinala algumas delas: partilhar com quem não tem; ser justo; cumprir com os deveres e responsabilidades.

Na primeira leitura, o profeta Sofonias nos assegura de que, em todas as etapas do caminho de conversão, Deus permanece ao nosso lado. O perdão divino revoga nossas faltas, converte-nos, transforma-nos e nos renova. Por isso, o texto de Sofonias é grande convite à alegria e ao júbilo como reconhecimento da misericórdia divina.

A segunda leitura também se apresenta como um convite à conversão, insistindo com os membros da comunidade de Filipos nas atitudes corretas que devem marcar a vida de todos os que desejam acolher o Senhor. Isso requer atitudes de bondade, alegria e oração.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Sf 3,14-18a)

O profeta Sofonias exerce seu ministério profético durante a reforma religiosa e política do rei Josias (640-609 a.C.). Foi em um ambiente caótico, resultante da política injusta de vários reis de Israel de práticas idolátricas, que Sofonias dirigiu sua mensagem ao povo, exortando todos ao verdadeiro culto e adoração ao Senhor Deus. As consequências do desvio do coração para os falsos deuses ou ídolos foram a injustiça, a corrupção, o suborno, os abusos de autoridade, o materialismo e a indiferença religiosa.

A intenção do profeta não é anunciar o castigo, mas demonstrar ao povo a proposta de salvação que Deus oferece mediante a conversão. A alegria anunciada nesse texto é fruto de uma vida segundo a proposta divina; a leitura recorda que Deus deseja caminhar com seu povo, fazer-se próximo de cada pessoa, pois nos ama apesar de nossas falhas e fraquezas.

Segundo a mensagem profética, a força transformadora da conversão é a misericórdia divina: Deus não desiste de seu plano de salvação. O que renova o mundo não é o medo de castigo, a busca de ídolos que nos satisfaçam, mas o amor, o perdão e a comunhão com Deus. Por isso, Sofonias faz um apelo à alegria, como fruto da consciência da presença de Deus em nosso meio como aquele que nos consola e anima. Neste tempo de preparação para a vinda do Senhor, deixemo-nos interpelar por essa mensagem, perguntando-nos: como discípulo de Jesus, dou testemunho dessa alegria?

## 2. II leitura (Fl 4,4-7)

O objetivo da carta de Paulo aos cristãos da comunidade de Filipos é manifestar sua gratidão por lhe terem enviado auxílios enquanto se encontrava na prisão. Essa comunidade era muito generosa para com as necessidades dos irmãos e irmãs de outras comunidades; o auxílio caritativo era uma forma de contribuição à missão evangelizadora de Paulo. Apesar de sua generosidade, os cristãos filipenses sofriam com a hostilidade das comunidades judaicas que se opunham fortemente à fé cristã.

Em sintonia com a temática da liturgia deste dia, o texto constitui grande exortação à alegria, como fruto da bondade e generosidade existentes na comunidade. O trecho destaca a alegria daqueles que dão testemunho da fé por meio da prática da caridade, tal como na oração de São Francisco, que nos recorda que há mais alegria em dar do que em receber.

O apóstolo acrescenta outras recomendações além da bondade, como a confiança na oração, súplicas e ação de graças. A comunidade solidária é também perseverante na oração. São essas algumas atitudes que devem acompanhar os discípulos de Jesus, que esperam a vinda próxima do Senhor. Essa alegria, constitutiva da fé cristã, deve estar presente neste tempo do Advento. Não é alegria que resulta de ganhos materiais, de promoção econômica ou profissional, e sim que brota em nosso coração porque Deus está presente em nossa vida; porque o vemos renascer no coração das pessoas que vivem a fraternidade, a doação, o sair de si e ir ao encontro daqueles que mais precisam, a exemplo da comunidade de Filipos.

## 3. Evangelho (Lc 3,10-18)

O texto do Evangelho segundo Lucas apresenta a pregação de João Batista à multidão. O profeta olha para a realidade que o cerca e tenta buscar formas de suscitar

esperança e renovação da fé entre aqueles que o seguem. Ele se dirige à multidão com um apelo à conversão, a qual consiste em uma mudança radical nas atitudes daqueles que podem partilhar. A pregação de João Batista tem como objetivo preparar o ministério público de Jesus. E o evangelista Lucas mostra que as respostas dadas por João à multidão são semelhantes às que serão oferecidas por Jesus.

O texto descreve o chamado de João para preparar o caminho do Senhor. Narra como as pessoas simples e marginalizadas se preparam para a chegada do Messias enviado. Há um detalhe importante a ser notado: aquele que prepara o caminho não é o enviado; a missão do profeta não é a mesma de Jesus, mas está em sintonia. O ministério de João Batista e o de Jesus estão inseridos no plano da salvação. João é um profeta de Deus que não pertence ao período do anúncio das promessas, mas inaugura o tempo da sua realização, a plenitude dos tempos marcada pelo ministério de Jesus.

João é apresentado por São Lucas como um modelo de discípulo que dá a vida para que as pessoas preparem o coração para receber o Messias. Seu anúncio profético põe em evidência todos os pecados contra o próximo. Tudo aquilo que atenta contra a vida do outro nos afasta de Deus. Quem comete essas injustiças está se fechando para a proposta divina de salvação. E o batismo oferecido por João é apenas um convite à conversão, enquanto o batismo oferecido por Jesus será uma vida segundo o Espírito; é a decisão de se tornar discípulo/a num caminho constante de serviço aos irmãos e irmãs e formar comunidades fraternas. É deixar-se transformar por Jesus, tornando-se novas criaturas que vivem e testemunham o mandamento do amor.

## III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Evangelho deste domingo nos indica que Deus não pede as mesmas coisas aos diferentes personagens mencionados no

texto, mas a todos pede algo que manifeste a solidariedade, a justiça, a generosidade, a paz e, sobretudo, o cuidado com os necessitados. Quando as pessoas perguntam a João o que devem fazer para expressar sua mudança de vida, pedindo o batismo de conversão, o profeta aponta os caminhos segundo as Escrituras. A multidão que vem em busca de João deseja converter-se, seguir os caminhos do Senhor. E a conversão não é apenas uma atitude interior da pessoa, mas exige ações que correspondam a uma vida nova. É também obra divina, pois abre caminho para o encontro com Jesus, que irá batizar com o Espírito Santo. Assim, a mudança de vida abre caminhos para o encontro do/a discípulo/a com o Mestre.

O Advento é também tempo propício para nos interrogarmos: o que devemos fazer? Não é necessário fazer coisas extraordinárias nem sair de nossa vida cotidiana, mas escutar a Palavra que nos impele a partilhar, a olhar atentamente para o outro e a nos deixarmos iluminar por Deus. Deixar de lado a indiferença, a intolerância ao diferente, e abrir-nos ao diálogo fraterno, vendo o outro não como ameaça, mas como irmão, mesmo quando pensa diferente de nós. Que nosso Natal não seja apenas uma data comercial, mas uma festa de muitos gestos de generosidade, como sinal da alegria suscitada pelo Senhor que veio morar entre nós.

Nós, cristãos, fomos batizados no Espírito Santo. Portanto, somos portadores dessa vida nova em Jesus Cristo. Que este tempo de preparação para a vinda do Senhor seja para nós uma oportunidade de testemunhar Jesus e responder positivamente à sua proposta de conversão e de discipulado. É também tempo de buscar o que precisamos fazer para que, ao nosso redor, haja mais justiça e menos violência, fome e tantos outros sofrimentos.

## O desafio de Maria

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste último domingo antes do Natal, o Evangelho nos prepara para sermos testemunhas do nascimento de Jesus, mostrando-nos como reconhecê-lo como o Messias esperado por tantas gerações de Israel. O relato de Lucas nos chama a atenção para a passagem do ministério de João aos eventos precedentes que manifestam a chegada do enviado prometido. O encontro entre Maria e Isabel ressalta a profunda conexão entre o ministério de João e o de Jesus.

No Evangelho segundo Lucas, o Espírito Santo nos ajuda a distinguir e compreender a identidade de Jesus. Isabel descreve Maria como a primeira discípula: “Bem-aventurada és tu que acreditaste, porque se cumprirá o que te foi dito da parte do Senhor” (v. 45). Maria é, para nós, um modelo de fé. Ela foi a primeira que acreditou que Deus cumpre sua promessa; ela permite que, na sua pessoa, a Palavra de Deus se realize. Torna-se portadora da graça de Deus para seu povo.

Na primeira leitura, o profeta Miqueias nos fala do novo tempo que será inaugurado por Deus, o verdadeiro pastor do povo. O texto sugere que Jesus é esse novo e verdadeiro pastor. Ele vem para apresentar a nova proposta de um reinado de paz e de amor. Seu Reino não será construído com base em forças militares; não se assemelha aos poderes políticos deste mundo, mas será construído e acolhido no coração das pessoas.

A segunda leitura nos ensina que a missão libertadora que Jesus veio realizar tem por fim último estabelecer uma relação fraterna e de comunhão entre os seres humanos e de proximidade com Deus. O

encontro entre criatura e Criador não será realizado por meio de rituais, mas sim por Jesus, que se encarna no meio de nós.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Mq 5,1-4a)

O profeta Miqueias é alguém preocupado com os desvios e pecados de Israel, pois o povo escolhido se afastou de Deus. É nesse contexto que ele dirige uma mensagem de esperança. Miqueias viveu por volta do século VIII a.C., numa realidade em que os pequenos camponeses eram vítimas dos grandes donos da terra. Havia muita disputa pela terra, violência, forte presença militar, altos e excessivos impostos, roubos, trabalhos forçados... Enfim, era um tempo difícil para a maioria do povo.

Entretanto, em meio a toda essa situação de sofrimento, a mensagem do profeta é de esperança. O texto desta liturgia situa-se na segunda parte do livro. A leitura ressalta que Deus é fiel às suas promessas. Miqueias anuncia a chegada de um enviado de Deus; novo futuro desponta para o povo que sofre. O enviado de Deus irá restabelecer a paz. A mensagem profética salienta que há sinais da presença divina em meio ao povo, pois Deus não se esquece de sua vinha, mas ele mesmo é que dela vai cuidar. Ele visitará seu povo escolhido, que renovará a aliança, prometendo nunca mais se separar de seu Deus.

### 2. II leitura (Hb 10,5-10)

A carta aos Hebreus foi escrita por um autor anônimo, por volta do ano 70 d.C. No século II da era cristã, ela foi atribuída a Paulo, pois seus ensinamentos revelam traços da teologia paulina. A mensagem é dirigida a uma comunidade cristã constituída, na sua grande maioria, por cristãos de origem judaica. Por isso, a carta apresenta Jesus como o sumo sacerdote da Nova e Eterna Aliança, que faz a mediação entre as

## Comunicar o Evangelho

Panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação

Darlei Zanon



184 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Comunicar o Evangelho apresenta, de modo conciso, os diversos momentos históricos da relação entre Igreja e comunicação a partir de três chaves de leitura que representam as grandes mudanças de paradigma nessa relação: 1) Das praças ao púlpito; 2) Do púlpito ao estúdio; 3) Do estúdio de volta às praças.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

peças e Deus. Fazendo uso de uma linguagem litúrgica, muito familiar ao mundo judaico, o autor, após apresentar Jesus como o sacerdote que expiou todo o pecado do povo, convida a comunidade a exercer sua missão sacerdotal.

Na tradição judaica, fundamentada no Antigo Testamento, a pessoa – para expressar arrependimento, pedir perdão, celebrar a comunhão com Deus, fazer memória dos eventos salvíficos – oferecia um sacrifício de animal por meio de um sacerdote, que fazia a oferta a Deus. No entanto, muitos profetas já haviam dito que tais sacrifícios não tinham valor quando constituíam apenas rituais externos, e não gestos de um coração sincero. O autor da carta exprime um ponto central da fé cristã: Jesus é o verdadeiro sacerdote porque ofereceu a si mesmo como oferta para perdoar nossos pecados. Por sua encarnação e entrega total da vida para realizar a vontade do Pai, redimindo a humanidade, seu sacrifício restabeleceu para sempre a aliança com Deus. O encontro com o Senhor se realiza na prática do amor, numa vida digna de filhos e filhas de Deus, mais do que num ritual que não conduz à prática da justiça.

### 3. Evangelho (Lc 1,39-45)

O texto do Evangelho do dia tem um significado muito especial para o evangelista Lucas. Sua narrativa retrata a inauguração da fase final da história da salvação: Deus concretiza sua promessa, enviando seu Filho ao mundo. O relato da visitação reúne duas futuras mães, de modo que juntas possam louvar o Deus vivo e atuante na vida de ambas. O filho de Isabel terá a missão de preparar o coração das pessoas para acolher o Messias. Assim como as duas mães têm um relacionamento de parentesco, afetivo e espiritual, também os filhos de ambas terão um relacionamento profundo na história da salvação.

Para Lucas, Jesus é o Deus que une as pessoas, promove o encontro. O primeiro sentimento que a presença de Jesus traz às pessoas é a alegria; aqueles que esperam pela salvação divina têm uma resposta de amor. É a alegria de quem sente que Deus é presente, se faz próximo e não abandona a obra de sua criação. Somente quem olha para a história do povo e vê sua fidelidade pode exultar. Isabel, a exemplo de muitas outras pessoas de Israel, aguardava por sinais do cumprimento das promessas de salvação anunciadas pelos profetas. Isabel e Maria se sentem bem-aventuradas por contemplarem a salvação, por serem instrumentos nas mãos de Deus para a realização dessas promessas. A resposta de Maria será o cântico do Magnificat, por meio do qual ela expressa seu louvor por Deus ter se lembrado da promessa feita a Israel. Chegou o tempo da libertação, da salvação.

O diálogo de Isabel e Maria faz memória das Escrituras no que se refere à fidelidade amorosa do Senhor, que sempre acompanha seu povo. A alegria de Isabel, Maria e João no ventre materno é uma resposta apropriada daqueles que conseguem discernir o cumprimento da promessa de Deus em Jesus. A presença de Jesus neste mundo é claramente a concretização das promessas de salvação realizadas por Deus em favor de toda a humanidade. Com a vinda de Jesus, anuncia-se o fim da opressão, da injustiça, da fome e de todos os sofrimentos que roubam a alegria dos que temem a Deus.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A presença de Jesus na vida das pessoas é sinal de alegria, de cumprimento das promessas divinas; transforma realidades de sofrimento em esperança, fraternidade, justiça e diálogo. Jesus, ao nascer entre nós, teve como missão trazer a paz, a justiça, a solidariedade, a partilha, o acolhimento. Como sermos portadores dessa Boa Notícia

aos outros? Seguindo o exemplo de Maria, como levá-la aos outros? Como a presença de Jesus em nossa vida pode nos ajudar a ser pessoas que dialogam com os outros, pondo-o no centro de nossos diálogos?

Assim como João Batista estremeceu de alegria no ventre de Isabel com a chegada de Jesus, muitas pessoas esperam ansiosamente pela visita de Deus na própria vida. Somos o rosto de Jesus neste mundo. Como levamos essa Boa Notícia àqueles que nos rodeiam, que fazem parte de nossa vida?

Em um contexto sociocultural patriarcal – que tratava as mulheres como seres inferiores, sem direito à mesma dignidade que os homens e postas à margem em tantos aspectos –, por meio da fragilidade de uma mulher, Maria, a salvação é oferecida à humanidade, porque o projeto de Deus para libertar a humanidade oprimida pelo pecado tem caminhos diversos dos caminhos humanos. Os limites e fragilidades daqueles que acolhem a proposta divina não são empecilhos para o Senhor realizar maravilhas.

Maria se apresenta como instrumento nas mãos de Deus; permite que o Senhor cumpra, na sua pessoa, as promessas anunciadas pelos profetas. Que, a exemplo de Maria, possamos ter um coração generoso, disposto a dizer a Deus: “Faça-se em mim segundo a tua Palavra”.

NATAL DO SENHOR

25 de dezembro

## A realização plena das promessas de Deus

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A noite de Natal, segundo a longa tradição de nossas famílias, é noite de encontro com as pessoas queridas, de surpresas, de alegria e abraços. Como comunidade de

fé que se reúne para celebrar a natividade do Senhor, também queremos estender nossas mãos para acolher e abraçar o menino Jesus, mais uma vez, em nosso coração. Queremos receber Jesus com tudo aquilo que ele nos oferece nesta noite: um amor incondicional, o olhar terno de um Deus feito carne, que vem armar sua tenda no meio de nós.

Infelizmente, muitas pessoas não conseguem contemplar no Natal o sorriso e o olhar terno do menino Jesus. Talvez marcados pelo sofrimento, por grandes perdas em sua vida – sejam de ordem humana, afetiva, emocional ou material –, muitos não conseguem, nesta noite solene, encontrar-se com Jesus. Contudo, há outros tantos que, não obstante as circunstâncias desfavoráveis, conseguem – em virtude de sua profunda fé cristã – acolher e abraçar o recém-nascido que se apresenta na manjedoura.

A primeira leitura da missa do dia de Natal proclama que Deus vem visitar seu povo e trazer-lhe a paz e a salvação. Ele vem como um rei, proporcionando alegria e júbilo aos que aguardam sua vinda. O profeta Isaías faz grande convite ao povo eleito a mudar a tristeza em alegria, pois o Senhor vem para consolar a todos os que nele esperam.

A segunda leitura da missa do dia de Natal apresenta, em breves palavras, a história da salvação. O autor da carta aos Hebreus recorda que Deus sempre dialogou com seu povo. Ele é o Criador de todas as coisas e nunca abandona a obra de sua criação. Aquele que criou tudo que existe traçou um plano para salvar todas as criaturas.

As leituras propostas para a solenidade do Natal falam da vinda do Senhor entre nós. O prólogo de João – Evangelho da missa do dia – é um hino que expressa a proximidade do Senhor com a humanidade; ele armou sua tenda no meio de nós. O relato de Lucas – Evangelho da missa da

noite – apresenta o cumprimento das profecias: o menino Jesus, que nasce em Belém, vem ao encontro do povo para oferecer a salvação.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura – Missa do dia (Is 52,7-10)

A primeira leitura, da segunda parte do livro de Isaías (também chamada Dêutero-Isaías), é mensagem dirigida ao povo de Israel para consolá-lo. O autor dessa segunda parte de Isaías teve a difícil missão de manter acesa a esperança do povo durante o exílio da Babilônia. Tanto os que permaneceram na terra como os que foram exilados experimentaram a dominação estrangeira e a desolação da guerra.

É nesse contexto de desolação, no pós-guerra, com a cidade de Jerusalém em ruínas, que o profeta encoraja seu povo; ele convida a comunidade dos fiéis a depositar toda a confiança no Reinado de Deus, e não nos reinos deste mundo. Onde e quando Deus reina, a injustiça e a opressão não imperam. Por isso o profeta anuncia a boa notícia da paz, a salvação. O Senhor não conduzirá o povo por caminhos de morte, destruição e dominação, à maneira dos reis políticos, mas exercerá seu poder régio para reconstruir a paz, a felicidade, o bem-estar de todos.

Em linguagem poética, o texto descreve as sentinelas da cidade olhando para todos os lados, para ver o Senhor que está para chegar. O grito que se ouvirá não será de temor, mas de alegria, pois Deus vem resgatar seu povo dessa situação de sofrimento. O Reinado de Deus transforma a situação de ruínas em alegria. E toda a terra poderá testemunhar a ação de Deus em favor de seu povo. A libertação plena e total que ele irá oferecer ao povo terá sua plenitude com a chegada de Jesus.

### 2. II leitura – Missa do dia (Hb 1,1-6)

O autor se expressa por meio de uma grande homilia para levar a comunidade a compreender Jesus como o sumo sacerdote da Nova Aliança que Deus selou com a humanidade. A mensagem é dirigida a essa comunidade, cujos membros, em sua maioria, eram provenientes do judaísmo e, portanto, conheciam profundamente as promessas de salvação anunciadas pelos profetas nas Escrituras.

Essa carta pastoral faz um resumo da história da salvação, a qual recorda que Deus é o protagonista do projeto e de sua realização. E para concretizar seu plano de salvação, realizar suas promessas, de muitas formas ele falou à humanidade; serve-se de seres humanos, da linguagem humana, para estreitar a distância entre ele e os seres humanos. Outrora Deus falou por meio de profetas, mas agora fala por meio de seu próprio Filho.

A celebração do Natal nos permite contemplar esse mistério de um Deus que se faz tão próximo de nós, que rompe todas as barreiras que impedem nossa proximidade com ele. O Deus em quem acreditamos é amor, é relação, é diálogo; ele se deixa encontrar. Celebrar o Natal é acolher a Palavra de Deus viva que vem habitar entre nós. O Filho de Deus se identifica plenamente com o Pai; toma a iniciativa de se fazer próximo, resgatar-nos e nos salvar.

### 3. Evangelho – Missa da noite (Lc 2,1-14)

Lucas é o evangelista que demonstra maior preocupação em situar a história da salvação dentro dos eventos da história humana. Oferece informações históricas detalhadas acerca do nascimento de Jesus, para que sua comunidade o compreenda não como uma lenda ou um mito, mas como alguém que de fato se inseriu na história de um povo. Algumas informações históricas no relato de Lucas são, de certa

forma, imprecisas, como o local geográfico em que certas autoridades políticas atuavam; tais imprecisões ocorrem porque o evangelista é um cristão que viveu fora da Palestina, se tornou discípulo depois da morte de Jesus e, como tal, quer narrar seu nascimento como um ato de fé, porque realmente acredita que ele é o Filho de Deus enviado a este mundo.

Ao mencionar que Jesus nasceu em Belém, Lucas destaca que ele é o Messias anunciado pelos profetas nas Escrituras (cf. Mq 5,1). Seu nascimento é a realização das promessas que Deus havia feito aos antepassados de Israel. Outro detalhe importante sobre a narrativa lucana do nascimento de Jesus são os detalhes da pobreza, simplicidade e fragilidade com que veio a este mundo. O Messias enviado por Deus vem trazer a paz na terra àqueles que estão abertos para acolhê-lo. As manifestações divinas em Lucas não vêm por meio dos poderes deste mundo.

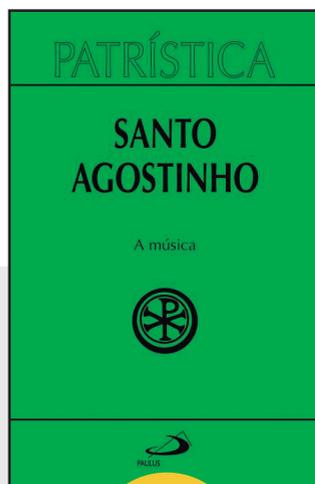
Lucas se apropria da linguagem ideológica do Império Romano, que apresentava o imperador como deus e salvador, e como alguém cujo nascimento havia trazido a paz ao mundo. Na concepção imperialista, a vinda do rei era uma boa notícia para o povo, a completa realização da esperança para as gerações futuras. Lucas inverte a aplicação dessa crença, descrevendo Jesus como o Filho de Deus, o Salvador, a verdadeira Boa Notícia. Ele é aquele que traz a paz na terra; é ele a plena realização de Israel. Intencionalmente, Lucas se apropria da linguagem imperial para exprimir que Jesus é Deus Salvador e que seus discípulos têm uma alternativa de esperança, pois os pobres nada recebem de César Augusto, ao passo que de Jesus recebem a vida plena.

O presépio nos apresenta a lógica de Deus, que se revela na simplicidade, na pobreza, na fragilidade e, ao mesmo tempo, é cheio de amor e ternura. Sua presença traz

## Patrística

A música

*Santo Agostinho*



288 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

A música é uma das obras filosóficas de Santo Agostinho anteriores a sua ordenação sacerdotal. Trata-se de uma abordagem fenomenológica da música e, na esteira dos clássicos gregos, afronta questões importantes do pensamento agostiniano, como a natureza da particularidade, da conexão, do movimento e do tempo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-0164011

**paulus.com.br**

alegria para todo o universo. Não somente os pastores se alegram, mas também os anjos do céu. O nascimento de Jesus segundo Lucas nos interpela: estamos dispostos, como os pastores, a acolher a lógica de Deus?

#### 4. Evangelho – Missa do dia (Jo 1,1-18)

O prólogo do Evangelho segundo João é um hino por meio do qual a comunidade joanina professava sua fé em Jesus Cristo. A confissão de fé expressa nesse hino ressalta que Jesus é a Palavra de Deus encarnada. Essa Palavra é de origem eterna, divina; faz que toda a obra da criação, desde o seu princípio, tenha como destino encontrar-se com o divino.

O evangelista inicia seu relato oferecendo-nos uma chave de interpretação para tudo aquilo que vai transmitir à sua comunidade de fé: Jesus está em relação com toda a obra da criação. Sua missão neste mundo é fazer-nos criaturas novas; é completar a obra da criação. No pensamento de João, a Palavra é realidade que antecede a obra da criação; não só estava junto de Deus, como também colaborava com ele.

Ao afirmar que a Palavra se fez carne, João claramente identifica a Palavra com Jesus Cristo, o Filho de Deus. A expressão “armou sua tenda no meio de nós” (v. 14) recorda a experiência do êxodo, o encontro com Deus no deserto, quando o povo vivia em tendas. No tempo em que vivia em acampamentos no deserto, o povo sentia a presença de Deus muito perto. O Senhor residia onde o povo estava. A encarnação de Jesus permite que novamente a humanidade possa experimentar, agora de modo muito mais profundo, a presença do Deus que vem morar entre nós. Ele é a Palavra criadora, a luz que ilumina as trevas. Nem todos, porém, estão abertos para acolher a Palavra, acolher a luz que é Jesus. Por meio de sua encarnação, Jesus se oferece à humanidade inteira, e João, no decorrer de

seu relato, vai contar a história daqueles que acolheram e dos que recusaram a Palavra que se fez carne e veio habitar entre nós.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A presença de Jesus deve encher o coração das pessoas de esperança, paz e alegria. Ele é a Boa Notícia que o mundo espera. Como, porém, fazemos essa proposta ao mundo que nos cerca? Como podemos testemunhar ao mundo que Jesus é a Boa Notícia para todas as categorias de pessoas que sofrem pela ausência de Deus?

O menino Jesus, que contemplamos no presépio, é, para nós, a Palavra de Deus encarnada, que dá sentido e direcionamento para nossa vida. A liturgia do Natal nos interpela: quantas vezes nos deixamos guiar por outras palavras, por outras mensagens e promessas que não vêm de Deus, mas de poderosos deste mundo? Quais palavras e promessas nos atraem? São realmente as que vêm de Deus ou as que vêm de outras vozes?

SAGRADA FAMÍLIA

26 de dezembro

## Igreja doméstica

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa da Sagrada Família nos leva a rezar por todas as famílias, a refletir e meditar sobre sua condição, numa perspectiva de fé bíblica. O mandamento do amor a Deus e ao próximo deve ser posto em prática primeiramente junto àqueles e àqueles com os quais partilhamos nossa vida mais de perto: a família.

Na primeira leitura, o livro do Eclesiástico aponta, de forma muito prática, algumas atitudes que devem ser cultivadas na família. Os filhos devem acolher a autoridade dos pais com atitude amorosa, de respeito, de reconhecimento pelos cuidados e orientações

recebidas para a vida. A relação de reciprocidade entre pais e filhos deve ser baseada no amor, no respeito, no testemunho diante da comunidade, preservando os valores morais e éticos como contribuição à construção de uma sociedade equilibrada.

A segunda leitura destaca atitudes que o cristão deve cultivar em suas relações fraternas: revestir-se de sentimentos de bondade, amabilidade, mansidão e paciência. Essas expressões de amor devem atingir a todos aqueles que partilham de nossa vida familiar e comunitária.

O Evangelho nos fala sobre a infância de Jesus e sua convivência na família. O relato deixa claro que o amor de Deus sempre esteve presente na família de Nazaré. Entre os membros da Sagrada Família, há profundo respeito pelo projeto de Deus para cada um deles.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a)

O livro do Eclesiástico pertence à literatura sapiencial das Escrituras. Para as comunidades de fé do povo escolhido, o princípio da sabedoria está em buscar respostas para a vida, fundamentadas na tradição religiosa. É a Lei a fonte inspiradora para as questões práticas de convivência. O livro foi escrito por volta do século II a.C., quando Israel foi desafiado pela imposição cultural e religiosa helenista. A dominação estrangeira foi além do aspecto político; impôs-se com outros valores éticos, religiosos e culturais. O fiel israelita foi desafiado a buscar, na sua tradição, os valores importantes para manter sua identidade de povo de Deus.

O texto desta liturgia apresenta orientações sobre a vida em família. Os Dez Mandamentos sempre foram a base para Israel. A leitura se fundamenta no Decálogo, sobretudo no quarto mandamento: honrar pai e mãe. A atitude de honrar, nessa leitura, significa dar a devida importância;

reconhecer que os pais são instrumentos pelos quais alcançamos a bênção divina, pois por meio deles é que o Senhor nos concede a vida.

O reconhecimento de que os pais são a fonte por meio da qual Deus nos deu a vida deve suscitar em nosso coração os sentimentos de gratidão e, sobretudo, de cuidado atencioso, quando, na velhice, os pais necessitarem da ajuda dos filhos. O reconhecimento e o respeito aos pais não são atitudes que devemos assumir apenas enquanto cuidam de nós, mas sempre, também quando eles, por questões de idade e saúde, passarem a depender de nós. O sentimento de gratidão deve permanecer no coração dos filhos em todas as etapas da vida.

### 2. II leitura (Cl 3,12-21)

A carta aos Colossenses provavelmente foi escrita quando Paulo estava na prisão em Roma, por volta do ano 63 d.C. O apóstolo precisou cuidar pastoralmente da comunidade a distância. Ele sente a necessidade de fortalecer a fé e o conhecimento da doutrina cristã, sobretudo porque circulavam em Colossas doutrinas advindas de outras crenças religiosas do mundo greco-romano.

Sem atacar ou criticar as diversas doutrinas pagãs, Paulo recorda à comunidade que a fé em Jesus Cristo deve orientar toda a vida do cristão. A íntima relação com Jesus Cristo deve ser traduzida em gestos concretos em sintonia com o Evangelho, o que, na linguagem do apóstolo, significa revestir-se do homem novo – isto é, cultivar um conjunto de virtudes que resultam da união com Cristo e se expressam por meio da caridade fraterna, da misericórdia, da bondade, da mansidão e do perdão.

A leitura ressalta que o ideal cristão implica viver em conformidade com Cristo, viver como ele viveu. No contexto cultural e religioso em que se encontravam os

cristãos de Colossas, a prática da fé cristã era exigente, pois implicava uma vida de virtudes que contrastavam com os valores morais da sociedade. Tal prática tinha incidência também nas relações familiares, uma vez que a família é o primeiro espaço em que o cristão deve testemunhar seu amor; a partir dela, é chamado a construir relações construtivas, dignas e amorosas com todas as pessoas.

### 3. Evangelho (Lc 2,41-52)

O texto do Evangelho narra os últimos acontecimentos da infância de Jesus. O evangelista Lucas tem como objetivo oferecer uma instrução catequética sobre as peregrinações religiosas que os judeus piedosos faziam a Jerusalém. Jesus pertencia a uma família piedosa, que preservava a tradição de visitar a cidade santa e o templo sagrado. José e Maria, como pais tementes a Deus, cumprem as tradições religiosas e levam Jesus a Jerusalém para celebrar a Páscoa. É nesse contexto que Jesus pronuncia as primeiras palavras acerca de sua missão divina.

O centro do diálogo de Jesus com seus pais é a pergunta: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai?” (v. 49). Aqui o evangelista claramente anuncia para a comunidade a verdadeira identidade de Jesus. Ele é o Filho de Deus, embora, como homem, tenha pertencido a uma família humana. No Evangelho segundo Lucas, a partir desse episódio, Jesus se dedica inteiramente à obra do Pai. A missão recebida exigirá uma dedicação exclusiva que o levará a deixar os familiares e mesmo a ser incompreendido por eles. Cuidadosamente, Lucas relata a passagem da infância de Jesus para sua missão pública durante a grande festa da Páscoa, no templo sagrado e entre as autoridades religiosas de seu tempo.

Esse texto apresenta importante chave de interpretação para entender, no Evangelho inteiro, quem é Jesus. Para o evangelista, é

importante professar a fé em Jesus como o Messias enviado. Ele não é simplesmente o filho de José e Maria, mas é o Filho de Deus enviado. Por isso percorrerá os caminhos que o Pai lhe designou. Veio a este mundo para cumprir sua missão redentora. Assim como seus pais tiveram dificuldade de compreender sua missão, Jesus, ao longo de sua vida, sofrerá muitas outras incompreensões, mas Lucas deixa claro que tudo o que ele realizou foi para cumprir a vontade do Pai. Jesus assume livremente sua missão e, para se fiel ao plano do Pai, não se deixou desviar do caminho, nem mesmo pela opinião de seus entes queridos.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Jesus assume como prioridade central de sua vida fazer a vontade do Pai, comprometer-se com sua missão de forma radical. Ele amava seus pais, mas nos ensina que é preciso fazer escolhas quando o plano que Deus tem para cada um de nós entra em choque com nossa família. O que deve prevalecer? A resposta exige discernimento, decisão, coragem.

Maria e José se deixaram conduzir pelo amor, pela escuta e pelo diálogo com o filho, por mais que não conseguissem entender tudo. Não fizeram cena, tentaram compreender. Aceitaram que o filho não lhes pertencia totalmente, não era exclusividade deles. Ele tinha sua identidade própria, sua missão diante de Deus e do povo, suas escolhas. Como nos colocamos diante do plano de Deus para cada membro de nossa família? Como apoiamos mutuamente a missão que cada um recebe de Deus?

Como podemos cultivar, em nossas famílias, o crescimento humano e espiritual de cada um, abrindo-nos para a missão que temos na comunidade, na sociedade e no mundo? Nossas famílias nos ajudam a abrir horizontes para a missão que temos e que vai além dela?

**vp**



# Luz e Silêncio

Um companheiro espiritual para o Advento e o Tempo do Natal.

A obra Luz e Silêncio – Um companheiro espiritual para o Advento e o Tempo do Natal, de Anselm Grün, apresenta lindas imagens de Natal! O livro revela a história sobre o nascimento de Jesus Cristo a partir de elementos imagéticos que favorecem uma reflexão sobre esse acontecimento e um profundo encontro com os mistérios do Senhor.

**Este livro é um verdadeiro convite para meditar sobre a serenidade natalina.**

11 3789-4000 | 08000-164011  
WhatsApp: (11) 99974-1840  
assinaturas@paulus.com.br

*Comunicação*  
**para um mundo melhor**



Aponte a  
câmera do  
celular e  
adquira o seu!



# CONTINUE ACESSANDO OU RECEBENDO SUA REVISTA **VIDA PASTORAL**



Há décadas a **PAULUS** distribui e envia pelo correio, de forma gratuita, a revista Vida Pastoral, recebendo apenas contribuições espontâneas dos leitores para o envio. Continuaremos prestando esse serviço à pastoral, mas, com a elevação exponencial dos custos de produção e envio, houve a necessidade de racionalizar melhor a distribuição, da seguinte maneira:

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso no site continua inteiramente gratuito: [www.vidapastoral.com.br](http://www.vidapastoral.com.br)

[paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja)  
Tel.: (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11  
WhatsApp: (11) 99974-1840  
[assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)  
f @ @editorapaulus



Aponte a  
câmera do  
seu celular e  
saiba mais!

  
PAULUS